



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COORDENADORIA ESPECIAL DE MUSEOLOGIA  
CURSO DE MUSEOLOGIA

**O cemitério para além dos mortos**

**Alma Faustino dos Passos**

Florianópolis

2024

Alma Faustino dos Passos

**O cemitério para além dos mortos**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Museologia do Centro Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Karine Lima da Costa.

Florianópolis

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Passos, Alma Faustino dos

O cemitério para além dos mortos / Alma Faustino dos Passos ; orientadora, Karine Lima da Costa, 2024.

66 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. Museologia. 3. Memória. 4. Cemitério. 5. Poder. I. Costa, Karine Lima da. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia. III. Título.

Alma Faustino dos Passos

**O cemitério para além dos mortos**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Museologia.

Florianópolis, 12 de dezembro de 2024.

---

Prof<sup>a</sup>. Karine Lima da Costa

Coordenadora do Curso de Museologia.

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Thainá Castro Costa

Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof<sup>a</sup>. Renata Cardozo Padilha

Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico esse trabalho inteiramente a minha avó: Maria Faustino (*in memoriam*). A morte nada mais é que o fim da existência física, e nós sempre estaremos juntas independente disso.

Tentei entender alguma coisa sobre “morrer” durante o processo de escrita, no fim não me levou a lugar algum, aprendi mais sobre a vida do que sobre a morte.

## AGRADECIMENTOS

A todos os envolvidos no processo de realização desta monografia, são incontáveis nomes desde amigos, colegas e professores. Sou grata por tornarem possível esse processo.

A minha família, meus pais e minha irmã.

Ao meu namorado.

E por fim as minhas amigas, reclamar é muito bom.

— [...] E a severa mestre Morte os convoca para dançar. Quer que todos deem as mãos para formarem uma longa fila. A Morte vai na frente com a foice e a ampulheta mas Skat vai atrás com sua lira. Eles vão dançando, se distanciando do sol em uma dança solene. Dançam rumo à escuridão e a chuva cai nos seus rostos lavando as lágrimas salgadas da face (BERGMAN, 1957).

## RESUMO

O trabalho aborda questões relacionadas aos cemitérios e as relações que os cercam. Entendendo a diversidade e as origens do recorte apresentado no que se tem por um espaço sistematizado. Para que haja possibilidade de estabelecer dinâmicas de aprendizado, utiliza-se de estudos de caso, referencial documental e bibliográfico. A fim de exemplificar os relacionamentos exercidos dentro do cemitério é trazida a importância da manutenção da memória, propondo reflexões acerca do poder que carrega. Compreendendo essas trocas para traçar paralelos: o público e o cemitério não se desvinculam, pois na sua existência se complementam.

**Palavras-chave:** Museologia; Cemitério; Memória; Poder.

## ABSTRACT

The work addresses issues related to cemeteries and the relationships that surround them. Understanding the diversity and origins of the cut presented in what is considered a systematized space. In order for there to be the possibility of establishing learning dynamics, case studies, documentary and bibliographic references are used. In order to exemplify the relationships exercised within the cemetery, the importance of maintaining memory is brought up, proposing reflections on the power it carries. Understanding these exchanges to draw parallels: the public and the cemetery are not disconnected, as in their existence they complement each other.

**Keywords:** Museology; Cemetery; Memory; Power.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Abutre na cerimônia de enterro no céu tibetano.....	16
Figura 2 - Sepultamento encontrado no Sambaqui do Morro do Ouro.....	19
Figura 3 - Mausoléu da Família Matarazzo.....	26
Figura 4 - Estátua de Maria Bueno.....	32
Figura 5 - Frente do santinho de Maria Bueno 1970.....	33
Figura 6 - Agradecimentos postos no sepultamento de Visitación Sivila.....	36
Figura 7 - Placa de identificação do Sepultamento das treze Almas.....	38
Figura 8 - Placa de agradecimento.....	39
Figura 9 - Reportagem do site “O globo”.....	55
Figura 10 - Reportagem do site “O Município”.....	57
Figura 11 - Alegoria da “Danse Macabre” por Janez iz Kastva.....	61

## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

FCC - Fundação Catarinense de Cultura

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

ABEC - Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais

BBC - *British Broadcasting Corporation* (Corporação Britânica de Radiodifusão)

CHCSC - Centro Histórico Cultural Santa Casa

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2. ORIGENS E LIMIARES DOS ESPAÇOS DE MORTE.....</b>	<b>16</b>
2.1 Criação.....	20
2.2 Cidade, cemitério e suas aproximações.....	22
<b>3. ESPAÇOS DE MEMÓRIA.....</b>	<b>24</b>
3.1 Espaços de poder.....	25
3.2 Maria Bueno: “a mártir que se glorifica pela força espiritual dos seus crentes”.....	30
3.3 Almita Sivila.....	34
3.4 As Treze Almas do Edifício Joelma.....	37
3.5 Pessoas vivas e pessoas mortas.....	39
<b>4. RELAÇÕES DE MEMÓRIA: Espaços de morte enquanto potenciais educativos.....</b>	<b>43</b>
4.1 Mathias Haas e a Santa casa.....	44
4.2 Cemitério São Francisco de Assis.....	47
4.3 Percepções.....	52
4.4 A morte enquanto membro de um grupo.....	58
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>63</b>

## 1. INTRODUÇÃO

No imaginário social o cemitério é um lugar considerado triste, misterioso, assustador ou desagradável. Entretanto, é objeto de fascínio na mesma proporção. Aquilo que há de causar sentimentos tão fortes causa também curiosidade. Nesse caso, um espaço destinado a pessoas mortas não seria diferente. Majoritariamente adotado pelos enlutados, pelos fiéis, pelos membros de subculturas ou até mesmo pelos pesquisadores, é um lugar que carrega história e identidade onde quer que seja, desde o interior até a capital, cada qual com memórias da comunidade onde está construído. Concomitante ao espaço de morte se constitui um espaço de memória, pois nem tudo que está morto há de ser esquecido, pelo contrário: a morte - enquanto conjunto de práticas que caracterizam o morrer para um cemitério - é capaz de encontrar sentido para os acontecimentos em vida.

Pensar memória é pensar no passado e em suas materialidades constituintes, teorizar aquilo que foi “morto” ou para fins de comparação: tirado do seu contexto original e organizado em um tipo de espaço com, dentre outros intuitos, o de preservação. Essa definição ampla que explicita a necessidade de manutenção da memória coletiva e individual referente aos testemunhos materiais do passado aproxima o museu e o cemitério, envolvendo o diálogo do passado e do presente (LE GOFF, 1990). Ambos aliados da memória que se dedicam a manter de pé o conjunto de práticas da lembrança, sistematizando seus espaços para que o acesso dos públicos seja pleno e a participação indispensável.

Nesse sentido, o presente trabalho propõe uma nova perspectiva ao cemitério, para que possamos pensar nas dinâmicas de aprendizado em benefício da área da memória e da museologia. Como os cemitérios são espaços de lembrança, é coerente a relação com as memórias afetivas dos vivos, sendo assim, podemos pensar nesses espaços enquanto lugares de memória viva e pulsante capazes de cooperar com esse campo de estudos para que possamos melhorar as relações que permeiam os públicos e os cemitérios, visto que, ainda são espaços estigmatizados.

A quem serviria o cemitério se não aos enlutados? O espaço serve para que toda a cidade possa realizar sepultamentos de maneira digna, preservando sua existência petrificada por um conjunto de práticas e símbolos, mas esse propósito do espaço acaba reduzindo seu potencial

quando não levamos em conta sua densidade. Atualmente se torna necessário enxergar esses espaços de morte com outros olhares, para que deixem de passar pelo processo de abandono e possam corroborar com os novos pensamentos que cercam as áreas da memória.

Esta monografia pensa o pacto social do esquecimento, a criação do espaço de culto e as maneiras pelas quais a sociedade pode dialogar com esse lugar de morte, levando em consideração um viés museológico, social e educativo. Nenhuma memória é eterna e a criação desse tipo de lugar é uma constante lembrança da necessidade de manutenção. A lógica das relações para com a memória de quem faleceu e como podemos criar uma ligação benéfica que nos guie ao aprendizado por meio de novos pensamentos, teorias e práticas. Sendo assim, temos como objetivos específicos: elucidar a história do cemitério enquanto parte do conjunto urbano da cidade; discutir a necessidade de manutenção da memória dos corpos que estão dentro do cemitério, a fim de compreender a relação entre a memória e o público; e propor novas maneiras de interpretar os cemitérios, introduzindo-os no cotidiano.

Como metodologia utilizaremos bibliografias sobre o cemitério enquanto espaço vivo, juntamente de teóricos do campo da memória e da museologia, que o caracterizam enquanto um lugar de dinâmicas próprias. Trazendo referencial documental de como os espaços de morte são representados, junto de estudos de caso acerca da relação do público com o espaço.

Em um primeiro momento, no capítulo 2, será contextualizado o cemitério enquanto local e prática, apontando as suas origens e o recorte em que se aplica para entendermos qual tipo de cemitério está sendo abordado, pois existem diversas tipologias e práticas fúnebres pelo mundo. Aqui traremos uma relação entre a construção da cidade e do cemitério enquanto locais que apresentam semelhanças.

Para exemplificar relações de públicos com cemitérios, no capítulo 3 ao tratar de espaços de memória enquanto fontes de poder, serão utilizados como exemplos os santos populares, conhecidos também como “milagreiros” (dentre outros nomes), sendo esses canonizações não oficiais de pessoas que operaram bênçãos e milagres após a morte. Como este é um fenômeno também difundido no cenário internacional, serão analisados dois casos brasileiros e um argentino. Analisaremos três estudos de caso de Santos Populares: Maria Bueno (Brasil), Almita Visitacion Sibila (Argentina) e As Treze Almas (Brasil). A escolha dessas figuras se dá por algumas razões: a semelhança de Almita e Maria em suas histórias de origem, que as torna interessantes quando pensamos de onde ambas vem, e no caso das Treze Almas por ser uma

santidade popular recente. Assim demonstrando como essas lógicas e saberes populares podem ser postas ao público para que façam um papel em benefício da informação e desmistificação desse espaço de morte.

No capítulo 4 analisaremos duas publicações, a fim de justificar essas perspectivas educacionais e culturais enquanto maneiras legítimas de enxergar os espaços de morte . Uma delas foi publicada nos Anais da Semana de Museus da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) em 2018, resultando num texto que reflete sobre duas atividades: uma oficina de arte cemiterial ao longo de uma caminhada cultural, e uma visita num museu memorial relacionado a prática da marmoraria. A outra publicação se refere a um texto publicado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC) em 2021, que posteriormente resultou na oficina homônima "Lá no Cruzeiro divino onde as almas vão rezar: oficinas culturais sobre as personalidades negras sepultadas no Cemitério São Francisco de Assis", ministrada por Elisiana Trilha Castro<sup>1</sup> ao longo do ano de 2024 no cemitério São Francisco de Assis, em Florianópolis, nesse texto a discussão é focada na integridade material e imaterial dos sepultamentos de pessoas negras que juntas compõem outra versão da história da região. Também será caracterizada a ideia de “morrer”, de morte, suas consequências e entendimentos no Ocidente, assim como sua estigmatização, para que então possamos propor uma comparação entre os lugares de memória e a necessidade/vontade/repulsa do público que os constroi em busca das memórias e da identidade, se apropriando diretamente daquilo que os representa. A escolha dessas localidades se dá para fins de comparação de como há diversas maneiras de movimentar as partes educativas dentro de espaços de morte.

Por fim, no capítulo 5 serão apresentadas as considerações finais sobre o tema.

---

<sup>1</sup> Elisiana Castro é graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2004). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, no programa de Arquitetura & Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade e doutora em História Cultural (UFSC). Tem experiência na área de História, com ênfase em patrimônio cultural e especialidade em patrimônio funerário, atuando também na área de preservação de acervos e história institucional. É presidente da ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais) e sócia benemérita da Associação Memorial Funerário Mathias Haas.

## 2. ORIGENS E LIMIARES DOS ESPAÇOS DE MORTE

O que se entende como cemitério “tradicional”, - onde o termo se faz presente para tratar da frequência e trivialidade desse tipo de prática no país -, é o costume de enterrar os mortos embaixo da terra e velar os corpos. Esse recorte é feito para entender os moldes de tratamento que esses cemitérios delimitam, ou seja, um conjunto de práticas tidos enquanto parte do mundo ocidental (ARIÉS, 1977).

Existem diversas tipologias dentre cerimoniais para honrar os corpos após a morte, cada uma carrega complexidade e filosofia únicas, que muitas vezes acabam sendo vistas com tabu. Para melhor compreendermos a variabilidade desses processos, em contrapartida à proposta tradicional, apresentamos uma prática “incomum” no mundo ocidental, como observado abaixo:

Figura 1 - Abutre na cerimônia de enterro no céu tibetano



Fonte: <<https://www.globespots.com/photo-gallery/skyburial/>> Acesso em: 18/10/2024.

Entre as menos convencionais em relação aos cemitérios da atualidade, podemos destacar o “enterro no céu”, “enterro celestial”, “funeral no céu” ou “*jhator*” como é tido pela língua de origem. Refere-se a uma prática funerária advinda das minorias étnicas da região da Mongólia e Tibet, se espalhando por regiões da China, Mongólia e demais regiões autônomas tibetanas

(MaMing *et al* 2016). Datando de mais de mil anos atrás pelas regiões da China, nessa prática o corpo é devolvido para a natureza que o gerou, reivindicando ideais presentes na religião budista:

É claro que não somos tão ingênuos a ponto de pensar que podemos nos “despir” de nós mesmos e que somos capazes de compreender uma cultura tão distinta da nossa sem que a nossa leitura seja permeada pelos nosso próprio contexto cultural, linguístico e assim por diante, mas é também importante ressaltar que o budismo tem uma história de mais de 2.500 anos, ao longo dos quais a filosofia foi sendo desenvolvida e comentada em contextos culturais dos mais diversos; mas, mesmo ganhando “sabores” diferentes, isso não quer dizer que se possam esquecer aspectos fundamentais dos processos epistemológicos e mesmo hermenêuticos que são propostos dentro desta tradição (GOUVEIA, 2016, p.194).

Práticas como essa que tem seus princípios em sociedades milenares, cujos costumes não se aproximam do mundo contemporâneo ocidental são tidas enquanto “barbárie” pela maneira que operam. Como exemplo, citamos uma reportagem publicada pelo site de notícias *BBC News Brasil*, de fevereiro de 2011, com o seguinte título: “*Mortos são esquartejados e oferecidos a abutres em funerais no Himalaia*”<sup>2</sup>. Tal abordagem feita por um veículo de informação prestigiado como esse indica como é criada a percepção do outro ao enxergar uma nova cultura e como interpretam a morte e o morrer no imaginário popular:

*The hair is removed from the head and is burned along with some of the debris; big bones are broken by sky burial masters. The bodies disappeared in less than 40 minutes. Then, as if the sky burial had never happened, all returns to peace and calm on the hill* (MAMING *et al*, 2016, p. 23)<sup>3</sup>.

Levando em consideração o que foi posto acima, a reportagem da BBC evidencia o processo utilizando uma chamada com intuito de causar estranheza ao leitor pelos termos escolhidos. Considerando as percepções do século XXI, o choque é justificado:

Nos séculos XX e XXI, há o silenciamento da dor, a privatização e mesmo a diminuição da duração do luto, o desaparecimento do cortejo fúnebre, das condolências, das visitas e das últimas homenagens, a neutralização dos ritos funerários e a economia dos sentimentos e das emoções. Deixou-se de morrer em casa, entre familiares, e passou-se a morrer no hospital, onde a ignorância obrigatória da morte impõe a médicos e familiares a dissimulação da gravidade do estado de saúde do indivíduo, que, doente, transforma-se em número. Ao

<sup>2</sup> Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/02/110211\\_funeral\\_urubus\\_himalaias\\_rw](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/02/110211_funeral_urubus_himalaias_rw)>. Acesso em: 22 out. 2024.

<sup>3</sup> “O cabelo é removido da cabeça e queimado com parte dos resíduos; ossos grandes são quebrados pelos mestres do enterro no céu. Os corpos desapareceram em menos de 40 minutos. Então, como se o enterro no céu nunca tivesse acontecido, tudo retorna a paz e calma na colina” (MAMING *et al*, 2016, p. 23, tradução nossa).

mesmo tempo que se perde a humanidade, extingue-se a preparação para morrer, tanto para quem morre quanto para os que ficam (SILVA, 2019, p.41).

Mesmo que ao longo da reportagem não deturpem os fatos, evidenciam a interpretação nesta parte do mundo sobre temas relacionados ao universo mortuário, reforçando a maneira como esse tema é apresentado ao público, dificultando o diálogo entre a cultura, a memória e a morte. Narrar costumes pertencentes a arranjos sociais tão bem estruturados que perpetuaram saberes por tantos anos de maneira tão descompromissada e estigmatizada, é um passo para trás quando se fala de estudos mortuários e espaços de morte:

*When there are more funeral corpses, there are more vultures. We recorded many aspects of the sky burial with pictures in Tibet, Sichuan and Qinghai (see Appendix figures), such as fighting, dancing, tug of war, sunbathing, etc. There were also wild dogs and Tibetan mastiffs present, which ate the bones at a site. For Tibetan Buddhists, sky burial is the template of instructional teaching on the impermanence of life, the resolution of grief in the survivors is intertwined with the journey to rebirth of the deceased (Goss and Klass 1997).” (MAMING et al, apud GOSS, KLASS, 2016, p.26)<sup>4</sup>*

Para dar sentido às coisas precisamos entender sua história, portanto, deturpar a concepção de morte de um grupo em prol da supervalorização e até mesmo, romantização - como acontece com cemitérios turísticos - de outro, além de um descompromisso com o campo, é também muito tendencioso. As concepções de cemitério atuais são herança de muita opressão, dominação religiosa e guerra, logo, para pensarmos outras culturas o respeito com a história tem de ser pilar principal.

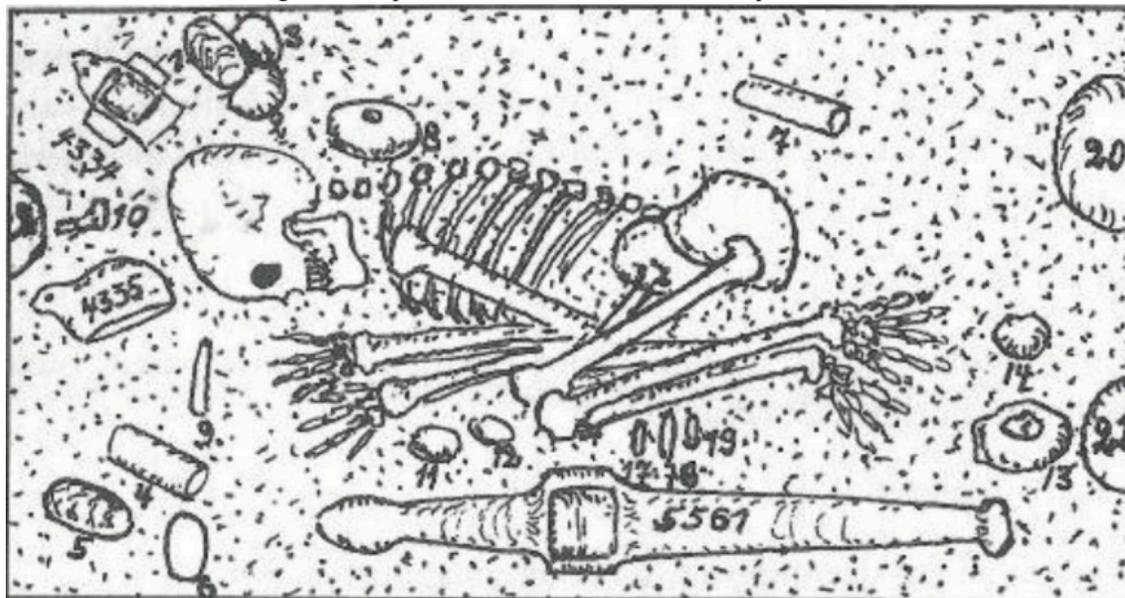
Quando pensamos em maneiras de velar o corpo e práticas mortuárias existe uma forte presença dos povos pré históricos (POMPEU, 2015), visto que atualmente são dispostos enquanto objetos de pesquisa para a Arqueologia, Antropologia, Museologia e demais campos, resultando em muitas análises e teorias, e para destrinchar o que se entende enquanto uma “prática comum” não há como falar de espaços de morte sem entender que em cada lugar se morre de uma maneira.

---

<sup>4</sup> “Quando há mais cadáveres para o funeral, há mais abutres. Nós registramos muitos aspectos do enterro no céu com imagens no Tibet, Sichuan e Qinghai (ver figuras em apêndice) como lutas, danças, cabo de guerra, banho de sol, etc. Havia também cachorros selvagens e mastiffs tibetanos, que comeram os ossos do local. Para os budistas tibetanos, o enterro no céu é o modelo de ensino instrucional sobre a impermanência da vida, a resolução da dor nos sobreviventes está entrelaçada com a jornada para o renascimento do falecido (Goss e Klass, 1997)” (MAMING et al, apud GOSS, KLASS, 2016, p.26, tradução nossa).

Avaliando as semelhanças e diferenças no processo de sepultamento em contrapartida ao exemplo anterior, é interessante cogitar a prática quase ancestral de posicionar os mortos debaixo da terra, o mesmo solo que cresciam os alimentos e se construíam morada se torna o destino para qual seus corpos retornam. No litoral catarinense existem muitos estudos sobre os Sambaquis, nome dado ao grupo pré-histórico de pescadores e coletores que habitavam boa parte do litoral há cerca de sete ou oito mil anos atrás, os quais tinham a prática de acumular os restos de moluscos, crustáceos, frutas e demais resíduos que resultaram da sua alimentação num mesmo lugar, formando uma montanha composta por conchas, auxiliando na degradação dos restos orgânicos (POMPEU, 2015). As lógicas relacionais da época - até os dias de hoje teorizadas com base em vestígios arqueológicos - faziam com que esse povo usasse dos espaços de “descarte” para enterrar os mortos, cuidadosamente posicionado-os às vezes junto a objetos, realizando uma cerimônia que se parece muito com o que entendemos por *sepultamento*, *enterro* ou *funeral* nos dias de hoje.

Figura 2 - Sepultamento encontrado no Sambaqui do Morro do Ouro



Fonte: POMPEU, 2015, p. 116.

Conhecendo as práticas funerárias dos sambaquis, é comum acharmos que os cemitérios de hoje em dia são heranças ancestrais baseando-se no ato de pôr o corpo abaixo da terra, entretanto seria ingênuo pensar assim. A prática pode ser sim parte do instinto humano de sobrevivência, por exemplo, mas a organização e os métodos que são impostos hoje em dia

decorrem de uma série de eventos que aconteceram em outro continente e são exportados para cá. Sendo assim, para a contextualização histórica desses espaços é necessário que remetemos a um tempo concomitante às colonizações europeias, onde o conceito de cemitério ainda era esboçado pelos médicos, fiéis e cidadãos comuns.

## 2.1 Criação

De acordo com Philippe Ariès (1977) em sua obra “O homem diante da morte”, no fim do período medieval os espaços destinados à morte começaram a esboçar alguma organização, ainda que diretamente ligados à igreja católica. Deixavam de ser covas feitas em propriedades privadas ou pequenas colinas para abrir espaço a novas ideias. Nessa análise histórica desde a Idade Média até o fim do século XX, o autor relatou as percepções e práticas ligadas à morte no inconsciente coletivo ocidental, datando desde o início da idade média até o século XVIII. Por conta disso, as relações com os corpos mortos e os espaços destinados a eles era menos complexa:

[...] as pessoas frequentavam o cemitério sem se impressionar absolutamente, sem se incomodar com a proximidade das fossas comuns que ficavam escancaradas até que se enchessem, sem se perturbar com as exumações, misturando-se às cerimônias fúnebres que aconteciam no local. Tampouco a visão e o cheiro do cemitério impediam que ali se localizasse frequentemente o forno comunal de pão: a proximidade entre alimentos e cadáveres mal enterrados, exumados, expostos – que causaria extremo nojo aos contemporâneos – não comovia os medievais (SILVA, 2019, p. 39).

Com influência da fé cristã, a preocupação com quem morre foi direcionada à segurança do que acontece após a morte do corpo, por isso a cerimônia de alocar esses corpos próximos de lugares sagrados, ainda não se caracterizando enquanto um cemitério, mas com um esboço de sistema de crenças e costumes. Mesmo nessa prática religiosa há uma hierarquia sobre quem está mais próximo e quem está mais afastado e levando em consideração a realidade da época - onde a expectativa de vida era mais baixa e as pessoas morriam mais frequentemente - os espaços estavam disputados por quem tinha condições e os menos afortunados eram posicionados em locais periféricos ao chão sagrado.

É interessante pensar que durante o medievo não era necessário que os mortos e suas covas ficassem longe da cidade, pelo contrário, as igrejas eram posicionadas no centro das

idades e o solo sagrado as cercava, pois os vivos ainda não tinham desenvolvido o “tabu” da morte e do seu respectivo lugar. Sobre isso, Felipe Fuchs (2019, p.39, apud RODRIGUES, 2006) observou:

Percebe-se através da obra desses autores que no mundo ocidental, por séculos, o lugar dos mortos era integrado àquele em que se vivia, compartilhando inclusive o espaço das igrejas no centro da vida social. Ao estarem localizados no âmago das cidades, os cemitérios eclesiásticos não eram simplesmente o lugar onde se enterrava os mortos, mas eram espaços abertos, onde as pessoas se reuniam para as mais variadas manifestações, dando a eles uma conotação próxima à de uma praça pública. Esses locais recebiam cotidianamente atividades sociais comuns da época como a realização de feiras, de exposições, de espetáculos de jogos e de música. Em suma, eles eram o lugar mais movimentado da cidade, onde se podia assistir a cenas corriqueiras, decorrentes da proximidade com a morte e da aceitação dela integrada à ordem da natureza.

Ainda era um espaço compartilhado com os vivos, tendo ligação direta com a memória e com o lazer. Saber que os lugares de morte já tiveram conexões com a organização social de uma maneira não nociva, quase como um passeio público da época e lugar de convívio, coloca um ponto muito interessante entre estes dois momentos da história - início do medievo e época contemporânea - por mais que muito estigmas os separaram nesse meio tempo.

Assim que os iluministas começaram a divagar sobre as doenças, visto que enfrentavam um momento de muitas epidemias no decorrer do século XVIII, os mortos apresentavam certo perigo pelo medo de transmissão de mais doenças para a cidade. Assim, as pessoas deram mais valor ao corpo, esquecendo dos credos religiosos rodeando sua existência, como o pós morte e a proteção do espírito, pois o foco agora é o corpo vivo. Nesse sentido, Fuchs (2019, p.41, apud RODRIGUES, 2006) ao falar desse novo sistema focado no corpo coloca enquanto “[...] vivo, medicalizado, *amortal*, que pertence a um ser humano disposto a viver [...]”. A partir desse momento é discutida a integridade do corpo físico não mais pela igreja, mas pela ciência e pelo viés econômico. Há a necessidade de ampliar o tempo de vida evitando a morte e, se possível, mantendo os cadáveres alheios longe por medo das doenças.

A medicina nessa época firmou a doutrina dos miasmas (FUCHS, 2019), caracterizando os vapores que a decomposição e a putrefação de material orgânico animal emanava do chão, que com os ventos rodeava a cidade, e isso, acreditavam eles, era a causa da infecção pelas doenças mais famosas do momento, como peste negra, clamídia e cólera. Esse estigma se popularizou tão rapidamente e com respaldo de tantos estudiosos que os sepultamentos já

realizados de corpos dentro das cidades precisariam ser movidos para desacelerar o contágio, definindo novos modelos de cidade.

## 2.2 Cidade, cemitério e suas aproximações

Na França, no fim do século XVIII foi movido o primeiro e maior cemitério da cidade para as catacumbas de Paris, o Cemitério dos Inocentes, tornando-se quase como um espelho subterrâneo:

Episódio marcante na história de Paris, em dois anos foram retirados mais de 20.000 corpos do local, pertencentes a moradores da cidade ao longo dos nove séculos anteriores, e transportados para as chamadas catacumbas de Paris. Finalmente, o decreto de 23 Prairial, de 1804 estabeleceu a proibição do enterro nas Igrejas, obrigando as cidades a construírem cemitérios fora das suas regiões urbanizadas. Esse decreto, em vigor até hoje, foi o divisor de águas, modificando profundamente a sensibilidade à morte. A partir dele foram estabelecidos os primeiros cemitérios municipais nos arredores da cidade de Paris, como Père- Lachaise, Montmartre, De Vaugirard e Montparnasse. Assim, num lapso de cerca de três décadas, transformaram-se profundamente hábitos milenares em relação à morte (FUCHS, 2019, p. 45).

Sobre essa mudança abrupta na relação para/com os mortos, capaz de refletir as crenças de uma era, expomos um trecho da ficção escrita por Calvino, autor que propõe a seguinte narrativa quando disserta acerca de cidades fantásticas:

E, a fim de que o salto da vida para a morte seja menos brusco, os habitantes construíram no subsolo uma cópia idêntica da cidade. Os cadáveres, dessecados de modo que os esqueletos restem revestidos de pele amarela, são levados para baixo e continuam a cumprir antigas atividades. Destas, as preferidas são as que reproduzem momentos de despreocupação: a maioria é posicionada em torno de mesas servidas, ou colocada em posições de dança ou no gesto de tocar trombeta. [...] Dizem que não é só agora que isso ocorre: na realidade, foram os mortos que construíram a Eusápia de cima semelhante à sua cidade. Dizem que nas duas cidades gêmeas não existe meio de saber quem são os vivos e quem são os mortos (CALVINO, 1972, p. 46).

Na narrativa de Calvino existem duas cidades gêmeas idênticas: uma abaixo e outra acima, mas somente na de cima as pessoas estão vivas, pois abaixo os mortos reproduzem a vida cotidiana. Desse modo, o intuito não é comparar diretamente as catacumbas de Paris de maneira literal, mas contrastar com a prática de enterrar os mortos e criar espaços onde a cidade é de alguma maneira representada. Se cria um espaço onde o tempo pára e os lugares de memória (NORA, 1993) constituem um monumento atemporal que torna todos cidadãos eternos de uma

outra cidade - necrópole -, que ainda é a mesma, onde há chance de perpetuar os comportamentos de vida. Muito semelhante com o que se entende pelas homenagens em enterros e pelo próprio sentimento da falta, lembrando das pessoas da maneira que viviam, fundando uma cidade fictícia de memórias.

Os lugares de memória são, portanto, uma manifestação física da necessidade do lembrar, quase como o apoio material que precisamos para consagrar a memória: “se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares” (NORA, 1993, p. 8), pois criamos esses espaços na busca de um respaldo para o lembrar, não sendo necessário que existam para que a memória sobreviva, mas tornam-se suportes de memória. Existem situações, nesse caso, em que os lugares de memória podem ser objetos, como artefatos pertencentes ao falecido ou semelhantes, eles então testemunham a existência daquele alguém mesmo sem ser um monumento como lápides, jazigos e túmulos.

Muitos cemitérios têm sua arquitetura pensada de modo que espelham a estrutura da cidade, com seus bairros e ruas principais reivindicando a criação de um espaço “novo”, dessa forma o monumento presente se expressa de uma maneira particular, assim Catroga (2010, p.170) em referência a Le Goff explica “[...] *monumentum* deriva da raiz indo-europeia *men*. Esta exprime uma das funções nucleares do espírito (*mens*), a memória. Deste modo, tudo aquilo que pode evocar o passado e perpetuar a recordação — incluindo os próprios atos escritos — é um monumento”.

### 3. ESPAÇOS DE MEMÓRIA

Ao pensarmos na memória evidente e proposta nos cemitérios, é comum assimilar que além do morto temos estruturas materiais sobrepostas ao seu sepultamento que são capazes de comunicar até certo nível alguma informação. Esses suportes informacionais podem ter diversas nomenclaturas, variando de acordo com sua tipologia. Nesse caso chamaremos lápides para melhor compreensão e abrangência, que de modo geral trata-se de um constructo material que não é feito para se decompor, para que garanta a suposta imortalidade de um indivíduo. Sobre isso Nogueira (2012, p.85) afirma:

Utilizando-se do discurso antropológico, o monumento funerário constitui tanto a manifestação da consciência de que o homem é um ser para a morte com direito de afirmação à memória, como a simbologia funerária em sua significação monumental. Assim, os túmulos são uma forma de assegurar a imortalidade.

A funcionalidade desses monumentos funerários, presentes dentro do cemitério é indissociável do espaço em si, quando desvinculados um do outro - cemitério e lápide - perdem completamente o sentido “em outras palavras, o lugar e o signo completam-se de tal forma que são entendidos como coextensivos, parecendo natural a relação entre objeto, significado e referência (o morto)” (NOGUEIRA, 2012, p.86).

Pensar a memória cemiterial é pensar diretamente os bens materiais que constituem o espaço. Esses objetos juntos formam costumes e constituem paisagens únicas, por consequência, acabam criando uma cultura própria dentro do ambiente. Nesse sentido, o museu se assemelha ao cemitério por operarem dentro de espaços pré-definidos aplicando seus conhecimentos no intuito de mantê-los de pé, e nessas operações as escolhas dos museus e dos cemitérios também produzem informação e discurso. A própria construção e caracterização do cemitério nos comunica algo, assim como a distribuição dos indivíduos em seus sepultamentos:

Túmulos podem ser entendidos como a materialização da casa, passando a ser um espaço, uma construção mergulhada em identidade na visão das gerações que sucedem àquele que ali está. Todos esses simbolismos farão da necrópole uma cidade dos vivos (RODRIGUES, 1995). Com os túmulos, as decorações e as mensagens escritas, percebe-se, nos cemitérios tradicionais, a tradução da iconografia adequada à ritualização de novos imaginários. A disposição geográfica das necrópoles, que, em grande parte, prioriza jazigos de famílias abastadas, relega os espaços de mais difíceis acessos a famílias menos

favorecidas. Para que o trabalho simbólico desses cemitérios correspondesse às expectativas descritas, a materialização dos signos exigiu a construção de monumentos buscando a fixação do cadáver, passando a ser inequívoca a identificação do ausente (NOGUEIRA, 2012, p.85).

Existem muitas camadas de informação nessa estrutura que concede ao cemitério a categoria de instituição e também de sistema operacional, desde as cerimônias funerárias até os costumes como posto acima, que ficam muito claros quando se avalia a relação das classes econômicas nesses locais, as quais decidem o lugar e conseqüentemente visibilidade de cada túmulo. Mesmo *post mortem* ainda somos indivíduos inseridos num sistema que favorece os ricos, por isso, o cemitério é a cidade das pessoas mortas.

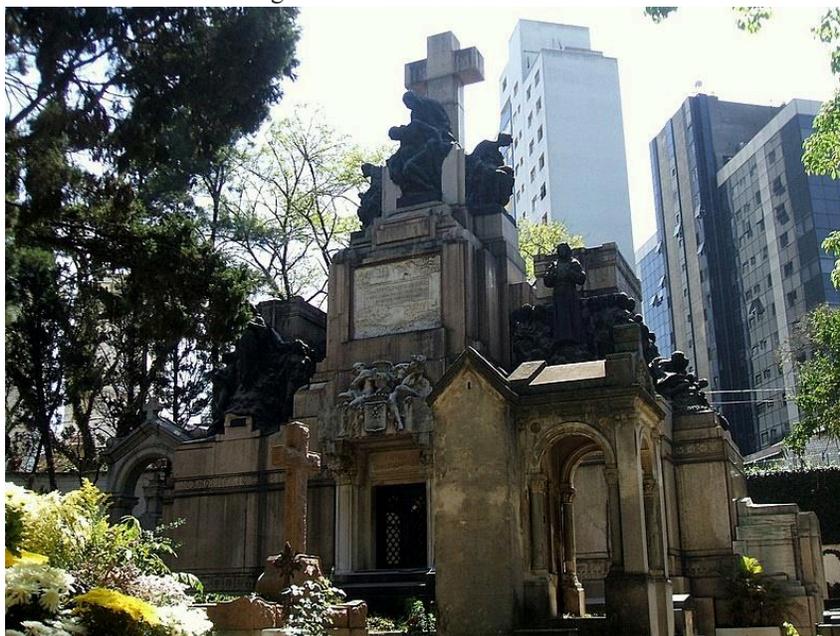
### 3.1 Espaços de poder

O fator decisivo nesse caso, quando observamos o tratamento de corpos mortos condicionados a certa realidade, é onde e como os sepultamentos serão postos. Quando alguém que detém muito dinheiro morre é comum que as construções acima de seus corpos sejam reflexo do que possuíam em vida. O mausoléu da família Matarazzo, localizado no cemitério da Consolação, em São Paulo, é considerado o maior da América Latina, com 20 metros de altura, 150m<sup>2</sup> de área e esculturas em bronze do escultor italiano Brizzolara<sup>5</sup> ao seu redor.

---

<sup>5</sup> Fonte: <https://capital.sp.gov.br/web/comunicacao/w/noticias/139523>. Acesso em: 29/10/2024

Figura 3 - Mausoléu da Família Matarazzo



Fonte: <[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Luigi Brizzolara - Mausoléu da Família Matarazzo 02.JPG#metadata](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Luigi_Brizzolara_-_Mausol%C3%A9u_da_Fam%C3%ADlia_Matarazzo_02.JPG#metadata)> Acesso em: 15/10/2024.

Em muitos recortes esse local é apresentado enquanto um marco para a arte funerária. Faz parte dos percursos de observação de caráter artístico e histórico na cidade de São Paulo, entretanto existem muito mais do que feitos artísticos e arquitetônicos sendo apresentados. É um ótimo exemplo para pensarmos a quem os cemitérios estão servindo, no sentido narrativo, em paralelo com os museus ortodoxos que também se fazem tendenciosos acerca das personalidades que os representam. Independentemente da família Matarazzo ter feito ou não grandes mudanças para a sociedade, assumimos que faziam questão de serem lembrados pelo povo levando em conta a maneira que se apresentam e que foram permitidos a se apresentarem. Querem que sua história seja sobreposta na narrativa visual do espaço. Isso é também uma estratégia de poder, afinal, memória é poder (CHAGAS, 2002). Naquele momento ser capaz de construir tamanha estrutura da maneira que está apresentada significava muito, e em contrapartida aos ricos que construíram segundas casas para receberem seus corpos no pós-morte, para a maioria da população restavam lápides simples ou gavetas:

[...] as ocupações acabaram por trazerem consigo seus significados e mais tarde, a representação da classe social do morto. Isso foi materializado a partir das formas das sepulturas e mesmo, mais tarde, na localização delas. Ou seja, a partir de esculturas, com lindas formas em mármore, pedra sabão, ou mesmo em bronze, e grandes placas com nome do falecido, fotos ou outras representações

que o ilustrem, referências de sua família, como “Jazigo da Família” ou capelas, templos e Mausoléus, que possuem edificações onde os carneiros ficam no seu interior. Toda representação que demonstrem que no mundo dos vivos, o defunto advinha de uma classe mais abastada, de berço afinal (ROCHA e SILVA, 2021, p. 144)

Ainda sobre a localização e visibilidade dos sepultamentos no espaço:

Já pessoas oriundas de classes sociais mais baixas, claro, não poderiam arcar com sepulturas tão caras. Isso é possível de ser verificado, de acordo com sua localização e tipo. Tratando-se de jazigo perpétuo são propriedades permanentes que podem abrigar os despojos de até sete pessoas. Suas localizações tendem a ser em áreas mais acessíveis, próximas à rua ou das aleias principais.

Os temporários tendem a se localizar em áreas de pior acesso como ladeiras, subidas de escadas ou distantes das entradas, além de serem alugadas por tempo determinado, geralmente o necessário até se fazer a exumação dos restos mortais. Isso já representa que a memória dessas pessoas será representada se forma diferente em lugares diferentes. Pouco visíveis, pouco acessíveis. Sem muita decoração ou embelezamento. Até porque, ao fim de três anos, em média, qualquer placa posta em homenagem ao falecido, será destruída para que aquele espaço possa receber outra pessoa e assim, sucessivamente. Para os mais pobres, então, jazigos temporários, gavetas ou mesmo covas rasas são as opções acessíveis e únicas, e normalmente, abandonados pelas administrações, com poucas intervenções de limpeza, embelezamento ou mesmos, cuidados com as próprias sepulturas. Dali, ao passar, imagina-se tratar de pessoas com poucas posses (ROCHA e SILVA, 2021, p. 145).

Não há modo de dissociar as discussões de classe, raça e gênero quando o assunto é ligado à maneira de se relacionar com qualquer corpo humano, mesmo após a morte. Morrer também se torna um ato político, portanto, falar do morrer é falar do direito à morte. Do mesmo modo se dá a percepção do tempo e memória, existe aquilo/aqueles que será(ao) lembrado(s) por muito tempo, com seu monumento funerário firme no mesmo lugar - esse no que se trata de um lugar na memória, e também lugar físico - preservado, e portanto virando parte de uma narrativa privilegiada pela história, em contrapartida ao caso das lápides ou gavetas comuns da quadra geral - essas de anos em anos serão revisadas de acordo com o aluguel que o determinado cemitério impõe variando de acordo com suas especificidades - que são os espaços reservados para quem não pode pagar preço da “imortalidade”, ou seja, a falsa sensação de lembrança eterna que expressa poder. Desse modo é feita a realocação dos sepultamentos e conseqüentemente a logística que mantém o espaço operacional do cemitério, quem não possui jazigo próprio da família está sob aluguel em outras espécies de sepultamentos.

Para falar dos espaços de morte enquanto espaços de memória, recorreremos aos autores Brahm, Ribeiro e Tavares (2019), que discorrem sobre as aproximações eletivas acerca do tema museu e cemitério, propondo que:

Pode-se dizer que os cemitérios musealizados se deslocariam de uma pseudo-passividade (a de receber e abrigar os mortos) para assumir um papel ativo e agenciador no seio social. Deixariam, portanto, de ser apenas produtos para transformarem-se em vetores das relações sociais, participando ativamente na produção e reprodução de sentidos (MENESES, 1994). Nessa mesma rota, criar-se-ia nesse universo relacional (sujeito-objeto) uma alma, atributo esse ligado ao universo dos vivos (BRAHM et al, 2019 apud MENESES, 1994, p. 51).

Sendo assim, o cemitério deixaria de ser um espaço onde a morte sobrepõe a memória, pois não há "morrer", muito menos morte, sem antes termos as relações de memória, identidade e pertencimento. Há expressividade em fazer com que um cemitério movimente cultura, narrativas diversas, educação e, de modo geral, vida. Tornando-se um espaço onde a memória e a morte juntas são capazes de movimentar áreas do conhecimento que reivindicam não somente o monumento da morte, mas toda a gama de relações entre os vivos e mortos, propondo saberes e práticas que sejam capazes de reduzir o estigma negativo do espaço.

Dentro desses lugares existe uma multidisciplinaridade notável. Seja no museu ou no cemitério, há desde narrativas históricas à científicas, perpassando o estudo das relações humanas, lógicas de comportamento e até mesmo o testemunho material do corpo dentro desse espaço de morte, que denota acesso a condição de ser sepultado contrapondo a quem não teve, mas também torna-se informação, como era na antiguidade com a dinâmica de classes e suas aproximações do solo santo (igreja). Tudo que existe dentro de um espaço sistematizado de morte – quando com suas lógicas próprias de organização – é capaz de informar ao leitor/visitante muito do período que esteve, ou se ainda estiver, em funcionamento.

Para a Museologia, essa é uma ideia essencial ao pensar novas dinâmicas de aprendizado. Ainda com as aproximações eletivas entre cemitérios e museus, há um paralelo interessante se pensarmos nas suas semelhanças, por exemplo: o cemitério também obedece a leis de diversas instâncias precisando ser gerido a fim de salvaguardar (nesse caso os sepultamentos), possuindo necessidades e políticas de manutenção para os espaços e trabalhadores. A equipe presente no intuito de gerir é tão multidisciplinar e variada quanto a de um museu, seja pela preocupação com a guarda ou pela complexidade na gama de tarefas necessárias para manutenção, o propósito

desses espaços de memória é muito semelhante. O que temos por acervo dentro de quatro paredes institucionalizadas temos por sepultamentos em cemitérios, que estão regidos por paredes invisíveis também os delimitando enquanto lugar. Há questões muito mais complexas pelas diferenças culturais e sensibilidades de cada corpo humano que habita um grupo social e passará pelo ritual escolhido de despedida do mundo dos vivos, entretanto, são eventos no campo da salvaguarda da memória e história tão semelhantes que a proximidade é lógica. No fim são como dois lados de uma mesma moeda que há de cunhar a memória.

Ainda pensando em alinhamentos possíveis para/com a Museologia, por mais que os cemitérios possam ser considerados patrimônios históricos devido às suas qualidades artísticas ou mesmo seus mortos reconhecidos, há uma camada interessante sobre o olhar desses espaços na perspectiva da comunidade ao redor, para além dos tombamentos e renomados artefatos da arte, quem mora nas regiões adjacentes muitas vezes entende melhor o que acontece lá dentro do que a comunidade acadêmica.

É o que ocorre quando a comunidade desenvolve seus “Santinhos Populares”, “Santos Populares”, “Milagreiros” ou até mesmo “Almas Milagrosas”:

[...] nos cemitérios brasileiros a dimensão devocional se estrutura a partir de um jogo dialético entre esse repertório simbólico e historicamente construído e as determinações e narrativas teológicas que ali se fazem presentes. Isso fica claro tanto nos ritos propriamente ditos quanto nas narrativas devocionais que ali ganham forma (SOARES, 2019).

Esses nomes fazem referência direta ao título concedido pela igreja católica a quem operou milagres no mundo e ficou conhecido por tal feito, podendo ter realizado isso em vida ou morte. Em contraponto, é comum que muitas comunidades ao redor do país façam o caminho contrário, completamente diferente da canonização católica: Há uma espécie de curadoria com ampla participação que canoniza um santo do povo.

Para que isso ocorra não há necessariamente um padrão, mas via de regra acontece com um sepultamento no cemitério, geralmente com vítimas de tragédias ou pessoas que tiveram uma vida difícil, que com sua trajetória foram capazes de comover o público, podendo esse se transformar em devotos ou fiéis. Não é necessário que todos sejam da igreja católica, visto que a prática já é muito difundida e permeia diversas religiosidades. Os devotos vão ao local buscar respostas em troca de ex-votos, objetos dados em troca do favor ou graça da divindade. A prática

é datada do período colonial brasileiro (MELERO, 2021, p.4), portanto é comum que não se restrinja a crença católica, visto que os santos populares também podem ser representantes de algumas entidades em religiões de matriz africana, como é o caso da menina milagreira Eunice (SANTOS, 2010) pertencente ao cemitério municipal de Curitiba, que mesmo não tendo tantos fiéis devotos da igreja, é cultuada por membros da umbanda que enxergam nela os erês e se deslocam ao sepultamento da menina para homenageá-los.

Sendo assim, observa-se que a cultura local em diálogo com os cemitérios desenvolve um sistema de credos populares que são capazes de movimentar o espaço e os campos de estudo que o cercam. Dividindo em três partes para melhor entendimento de como a resposta da comunidade é importante para pensarmos na memória e na cultura de um lugar, caracterizo a primeira camada como uma troca **Material**, pois concentra visitantes em datas diversas, os quais peregrinam até o espaço para utilizá-lo. Segunda camada **Ideológica**, no sentido de que promove quase uma ideia de “folclore”, ou um sistema de credos acerca do espaço, deixando vivo na mente do público as possibilidades de sentir e experienciar esses espaços, somando nos credos populares. E por fim uma terceira camada **Teórica** que cabe aos campos de estudo que permeiam os cemitérios, sendo necessário que levemos em consideração essas ocupações do espaço e as trocas com a comunidade, que é importante no caso para a museologia, mas também em outros aspectos para demais ciências sociais e biológicas.

### **3.2 Maria Bueno: “a mártir que se glorifica pela força espiritual dos seus crentes”<sup>6</sup>**

O túmulo de Maria Bueno, falecida na segunda metade do século XIX, encontra-se no Cemitério Municipal de Curitiba, no Paraná. Maria teve uma morte violenta, vítima de feminicídio. Era uma mulher comum que, com sua história, tocou o coração de pessoas como ela. Característica essa, comum entre as demais santidades, como coloca Melero (2021, apud VIEIRA, 2018, p.9)

O sofrimento exacerbado em vida, no imaginário popular, faz com que o finado se transforme em uma alma caridosa, independentemente de suas falhas terrenas, como no caso de bandidos e prostitutas. Santificado com o martírio e a morte, têm seus pecados perdoados e alcança a graça divina, podendo interceder “por aqueles que também sofrem e que necessitam de ajuda” (VIEIRA, 2018, p. 130).

---

<sup>6</sup> Frase utilizada em reportagem de autoria desconhecida publicada no jornal “Gazeta do Povo” de 18 de janeiro de 1934 (SANTOS, 2010, p.13).

Desse modo, os santos de cemitério e a tradição de pedir aos mortos são idealizações populares de cunho sociocultural e espiritual.

O início desse culto é incerto, é desde o dia de sua morte que Maria causa empatia no povo: “Convém ressaltar, no entanto, que as primeiras manifestações da devoção a Maria Bueno ocorreram à Rua Campos Geraes (sic.), no terreno baldio onde ela foi encontrada morta no dia 29 de janeiro de 1893. Conforme apontam os registros da imprensa” (SANTOS, 2010, p.62-63). É difícil precisar quando ela começou a ser cultuada, mas a imprensa local, principal fonte de documentação, começou a publicar artigos sobre o culto à santa nos anos de 1930 e 1940 (SANTOS, 2010, p. 62).

O que podemos esclarecer de modo com que a canonização popular “faça sentido” é a proximidade do canonizado com o povo. No caso de Maria, sendo uma figura tão popular e comum da época, é quase impossível de viver sob os mesmos códigos culturais e organizações sociais e não testemunhar nenhuma aproximação com a história, não necessariamente igual, mas de alguma maneira próximo, visto que são estruturas que atravessam gerações: como o machismo e o feminicídio. Por ser uma figura tão chegada do povo, o processo de reconhecimento e afirmação é orgânico. Há razões e há e como se relacionar, ainda mais tendo em vista a popularização do catolicismo no país, já que o Brasil é um agente essencial no cenário cristão mundial: é o segundo país com mais cristãos (185 milhões) (FERNANDES, 2022). É como se esse processo de assimilação fosse uma resposta conjunta aos processos que se passaram com o morto, que ascende pelo seu martírio em vida, elevando-o à categoria de santo.

Figura 4 - Estátua de Maria Bueno



Fonte: <<https://g1.globo.com/pr/parana/podcast/pod-parana/noticia/2022/01/21/podparana-61-a-historia-de-maria-bueno-de-anonima-na-sociedade-curitibana-a-santa-popular-apos-ser-assassinada.ghtml>>. Acesso em: 30/09/2024

O processo de identificação com Maria começou no momento de sua morte, como afirma Santos (2010, p. 170):

No local onde Maria foi assassinada, anônimos (como ela) começaram a produzir vestígios que comunicavam sua existência. Postularam histórias para vida dela, sem cair na tentação da comprovação dos fatos. Atribuíram a ela imagens, feições (ora branca, ora preta), virtudes e poderes divinos. Criaram um lugar para rememorá-la. A existência dela deixava, assim, de ser lembrada apenas pelas notas de um crime publicadas nos jornais. Foi assim que Maria se tornou a efigie do esforço coletivo em lembrá-la e consagrá-la.

fiéis criaram a Irmandade Maria Bueno em 1950, com o intuito de administrar melhor o apreço conjunto pela santa, órgão “responsável pela a construção e traslado dos restos mortais da santa do antigo túmulo para um mausoléu construído próximo à entrada do cemitério, local onde até hoje ela é cultuada” (SANTOS, 2010. p.100). Essa iniciativa é um indicativo ainda maior do quanto a comunidade é capaz de interferir nas atividades dentro do cemitério, sendo eles os responsáveis por sistematizar a relação do público com o que é cultuado. Sendo essa uma ideia dos fiéis para com o cemitério, e não o contrário.

Um dos atos bastante significativos ao redor da figura da santa foi a oração distribuída pela irmandade nos anos 60, que posteriormente ganharia demais versões:

Na cruz, Jesus foi sacrificado... e vós na cruz não foste sacrificada, mas foste sim, sacrificada mas sem o veredictum de um tribunal. Por um algoz terrível, pior ainda que Judas. Apenas raiava o dia 29 de janeiro de 1893, quando o silêncio era profundo, nesta cidade de Curitiba. Recebias, como Jesus, o amargor da traição, recebias, na vossa inocência o bilhete falso da sentença de morte... Na emboscada da encruzilhada, daquela madrugada. Vós morrestes em defesa de vossa honra, de joelhos morrestes, implorando ao Pai, Misericórdia. O Pai vos chamou, o povo chorou e vos santificou. Hoje o chão de Céu pisas. Mas em nossos corações ainda vives e daqui, ao Pai, nosso Deus rogamos daí à nossa protetora Maria da Conceição Bueno, força e poder. Para que ela com sua imaculada bondade, possa cada vez amais e mais, ajudar a todos aqueles que a vós imploram. Maria da Conceição Bueno, nossa protetora nós vos agradecemos pelas milhares de graças que nos tem concedido, e com a mesma fé que vós, em prece, rogava a Vossa madrinha, Nossa Senhora da Conceição. Nós a vós rogamos... Olhai por nós, olhai pelos que sofrem. Olhai pelos que vos imploram, olhai pelas criancinhas. Olhai pelos doentes, olhai pela vossa Pátria. Olhai por todos. Que assim seja. Amém (SANTOS, 2010, p. 128).

A autora enfatiza que “de fato, na prece qualquer palavra tem uma ‘função maior’, de conjugar rito e crença. O escritor incentiva o leitor a rezar por Maria Bueno, ou seja, a realizar o gesto mínimo para estabelecer ‘contrato’ com as divindades e solicitá-las na resolução de questões mundanas” (SANTOS, 2010, p.130). Essas orações são comumente encontradas em “santinhos”, imagens dos santos impressas em papel “volantes de aproximadamente 10x7 cm, com a imagem de Maria Bueno e a sua oração no verso” (SANTOS, 2010, p.130). A distribuição desses exemplares é feita em suma maioria pela irmandade, mas pode também ser feita com o intuito de pagar uma promessa.

Figura 5 - Frente do santinho de Maria Bueno 1970



Fonte: SANTOS, 2010, p. 131.

Na figura acima, observamos a imagem de Maria retratada num santinho que circulava pela década de 70. A criação de um objeto desses não necessariamente eleva a categoria da santidade, entretanto, reproduz o costume da religião católica de criar também santinhos para suas canonizações legítimas, que são distribuídas em massa em igrejas e em centros paroquiais. Desse modo, mais uma vez os fiéis se colocam num lugar de “curadores”. No caso dessa oração a autoria é tida enquanto desconhecida, mas de alguma forma eles se reúnem e concebem objetos, cultos e práticas que dão mais alcance e longevidade à narrativa da santa em questão.

Esse fenômeno não é excepcional em relação às canonizações, mas é curioso no caso das santidades populares que possuem registro de santinhos. Essa movimentação revela uma estratégia de comunicação que, ao se espelhar na igreja, reforça a vontade do público e a organização necessária para movimentar uma figura que nasce no momento de morte. Se inspiram na institucionalização de um espaço - nesse caso a igreja - para que operem melhor para/com seus objetos de admiração.

### 3.3 Almita Sivila

Almita Sivila também foi vítima de crimes semelhantes aos anteriores, e é parte da “*religiosidad popular*” como posto por Alicia Ana Fernández Distel (2014, p.72). Esse “santo”, ou seja figura intrínseca do catolicismo, nos aproxima da categoria de “santidade” instituída pelo povo, pois a tem enquanto alguém que possui poder suficiente para executar os milagres. Sem precisar da definição de santa formalmente canonizada, Sivila é conhecida enquanto “*Almita*” ou seja, uma “alminha”, diminutivo de “alma”, ganhando um apelido carinhoso das pessoas sem ser referida enquanto santa. Ela se tornou alguém próxima do público com características e poderes de uma santidade, capaz de entender os problemas trazidos ao seu sepultamento por parte de seus fiéis.

O sentimento de aproximação e identificação são grande parte do processo. O termo “*religiosidad popular*” expresso por uma autora latina americana - reforçando o recorte pela forte influência da religião católica nesse espaço sociogeográfico - resume bem do que se trata quando falamos em santos populares. Não são parte de um credo institucionalizado e nem reverenciados por um grande grupo específico, entretanto fazem parte de um sistema de crenças

que são pensadas e adotadas pelo povo espontaneamente, e acabam se manifestando de maneira orgânica pela região. Geralmente são marcos conectados a algum ocorrido que impactou as pessoas e os lugares, podendo variar sua representação em relação a imagem do milagreiro ou a história, e acabam sempre refletindo um pensamento ou necessidade do público. Sendo assim, o espaço de manifestação dessa crença, nesse caso, é o cemitério, podendo a religiosidade popular se manifestar também em outros locais.

Isso mostra como em diferentes regiões globais somos capazes de passar por processos semelhantes de curadoria enquanto grupo social, mesmo que, sejam lugares da América Latina sob domínios parecidos como a crença, ainda a praticam de maneira diferente. Essas figuras deixam de ser canonizações cristãs e passam a ser do povo e para o povo (*populares*). São elas que no lugar da instituição igreja passam a atender às pessoas.

O caso de “*Almita Visitación Sivila*” - em português brasileiro expressa “Alminha de Visitación Sivila” - se passa em Jujuy, cidade da Argentina no início do século XX, vítima de feminicídio seguido de violação e canibalismo. Assim como posto anteriormente, essa canonização popular também não apresenta feitos extraordinários em vida. Somente após sua morte que os moradores da região decidem celebrar seu espírito. Sua fama é composta pela história oral, “*Hacer una hagiografía de Visitación Sivila es prácticamente imposible, pues de su existencia real poquísimo se sabe.*” (DISTEL, 2014, p.72)<sup>7</sup>, fazendo com que alguns dos principais autores colham as informações de periódicos e documentos históricos para embasar sua pesquisa (DISTEL, 2014, p.74):

Varios autores se dedicaron a esta figura, sobresaliendo tres trabajos: el de Bidondo Carrillo (1973), el de Amanda Torres (1983) y el de Antonio Paleari (1983). El primero y el último recurren a documentación judicial (la misma en la que se sustentó esta noticia y que está depositada en el Museo Policial de Jujuy<sup>8</sup>.

Logo, o estudo da canonização da santa vem diretamente dos documentos referentes ao ocorrido brutal de sua morte, como por exemplo a própria reação da população: “*consultados los habitantes de la zona, dicen que el desencadenante de este culto fue el tremendo martirio sufrido. Las penurias de esa ‘alma’ sólo se comparan con las de los ‘santos oficiales’*”(DISTEL,

<sup>7</sup> “Fazer uma hagiografia da Visitación Sivila é praticamente impossível, pois muito pouco se sabe sobre a sua real existência (DISTEL, 2014, p.72)” tradução nossa

<sup>8</sup> “Vários autores se dedicaram a esta figura, destacando-se três trabalhos: o de Bidondo Carrillo (1973), o de Amanda Torres (1983) e o de Antonio Paleari (1983). O primeiro e o último recorrem à documentação judicial (a mesma em que se baseou esta notícia e que se encontra depositada no Museu da Polícia de Jujuy)” (tradução nossa)

p.77)<sup>9</sup>. Nessa colocação, os moradores também reiteram além do fator choque, a semelhança com o martírio que somente os “santos oficiais” sofreriam. Ao entender como se canonizam os santos, os habitantes da região se sentem na liberdade de escolher seus próprios, pois estes são os que representam suas experiências de mundo.

Figura 6 - Agradecimentos postos no sepultamento de Visitación Sivila



Fonte: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Almita\\_Visitaci3n\\_Sibila#/media/Archivo:ALMITA\\_SIBILA.jpg](https://es.wikipedia.org/wiki/Almita_Visitaci3n_Sibila#/media/Archivo:ALMITA_SIBILA.jpg)>

Acesso em: 14/10/2024

É um processo que, por mais que se apresente em outro país, ainda se assemelha muito ao Brasil. Até então, ambas mulheres vítimas de feminicídio que são reivindicadas pelo povo, é como se em alguma instância elas fossem pensadas à “imagem e semelhança” de quem busca acreditar. Seja pela visceralidade do ocorrido com Sivila ou pelo processo de identificação com seus fiéis, o público expressa desejos mais íntimos quando recorrem a santa com suas promessas e ex-votos, ainda usando dos agradecimentos em placas e bens materiais como velas ou estatuetas, os pedidos têm um caráter mais íntimo. Há uma leve semelhança com os “santos oficiais” , pois estes dentro da igreja servem a favores mais específicos dependendo de sua história de vida:

<sup>9</sup> “Quando os moradores da região foram consultados, disseram que o gatilho para esse culto foi o tremendo martírio sofrido. As dificuldades daquela ‘alma’ só são comparadas às dos ‘santos oficiais’” (tradução nossa)

Frente al santuario-tumba, el actual ofrendante pierde totalmente el pudor al peticionar sobre temas espinosos e íntimos como sexualidad, procreación, lactancia, enfermedad, relación de pareja, trabajo, estudio, patrimonio material. Ello oralmente, a la par que enciende unas velas. Además de las expresiones verbales, pueden dejarse cartas, mensajes cortos, epígrafes (DISTEL, 2014, p. 78).<sup>10</sup>

Nesse caso, a tragédia da santa potencializa seu poder em relação àquele âmbito específico da vida para seus fiéis, sendo popularmente conhecida por ser a primeira vítima de feminicídio de Jujuy, e agora encarada enquanto protetora das mulheres.

### 3.4 As Treze Almas do Edifício Joelma

Em contrapartida às outras canonizações populares, a história das Treze Almas é bastante recente. No ano de 1974, na cidade de São Paulo, um prédio comercial muito popular localizado na região central, conhecida como Vale do Anhangabaú, foi vítima de um incidente elétrico que causou curto circuito no ar condicionado no décimo segundo andar, o qual abrigava um banco, ocasionando um incêndio. O ocorrido gerou muita comoção no estado e no país como um todo. Incêndios de grande proporção como esse em sua maioria geram muitas vítimas, nesse dia morreram cento e oitenta e sete pessoas, deixando mais de trezentas feridas<sup>11</sup>. No processo de identificação dos corpos, apenas treze não foram distinguidos.

---

<sup>10</sup> “Diante do santuário-túmulo, o atual ofertante perde completamente o pudor ao peticionar sobre temas espinhosos e íntimos como sexualidade, procriação, amamentação, doença, relacionamento, trabalho, estudo, patrimônio material. Isso é feito oralmente, enquanto se acendem algumas velas. além de expressões verbais, podem ser deixadas cartas, mensagens curtas, epígrafes (DISTEL, 2014, p. 78, tradução nossa)”.

<sup>11</sup> METROPOLES, Desespero, corpos no ar e 13 almas: os 50 anos do incêndio no Joelma. São Paulo, 01/02/2024. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/sao-paulo/desespero-corpos-no-ar-e-13-almas-os-50-anos-do-incendio-no-joelma>> Acesso em 30/09/2024

Figura 7 - Placa de identificação do Sepultamento das treze Almas



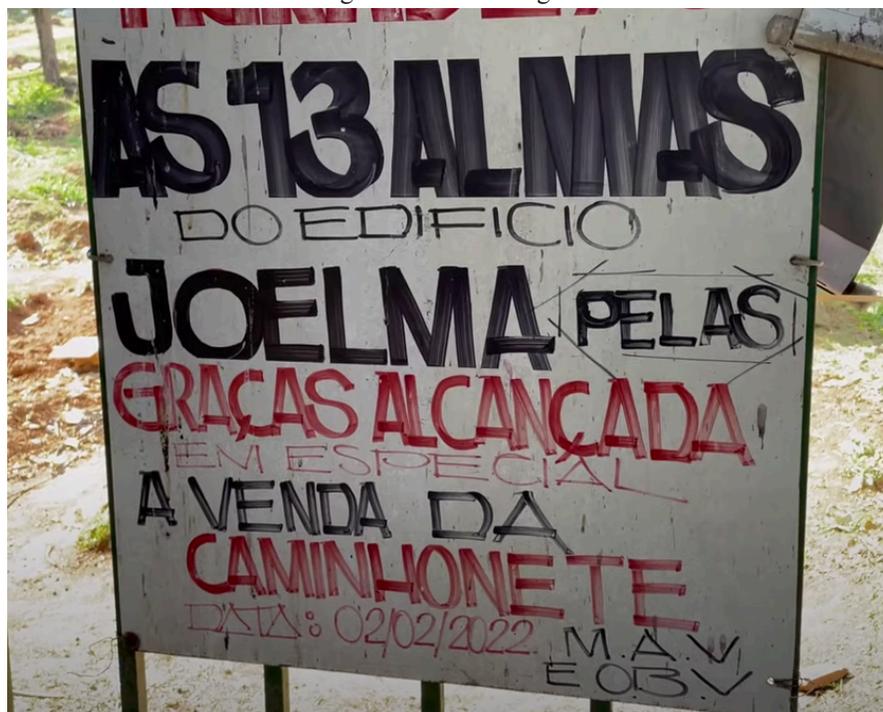
Fonte: <<https://www.metropoles.com/sao-paulo/desespero-corpos-no-ar-e-13-almas-os-50-anos-do-incendio-no-joelma>> Acesso em: 30/09/2024

Os treze corpos foram encontrados no fosso do elevador, dispostos de maneira que impossibilitou a identificação das pessoas. Por conta disso foram enterrados de maneira conjunta no Cemitério São Pedro, na zona leste de São Paulo, numa espécie de memorial com lápide, velário, túmulos separados, uma capela e posteriormente muitas placas de agradecimento pelas graças alcançadas, como se observa na figura acima.

A origem das manifestações divinas das treze almas é incerta, fruto da socialização e da história oral na região. Em sua versão mais popular a história vem de um suposto coveiro que alegou ouvir gritos e gemidos altos vindos do sepultamento, e em associação com a tragédia ofereceu água às almas, na intenção de aliviar a dor causada pelas queimaduras. Não há comprovação teórica ou material para tal narrativa, sendo um mito de criação, mas é muito clara a ligação dessa versão da história com a forma como o público interfere alocando oferendas e pedidos dentro do espaço, vide a quantidade de copos de água ou garrafas, observados na figura acima. A história se espalhou muito rapidamente pela região devido a notoriedade do caso, sendo o terceiro maior incêndio do país até então. Portanto, é muito mais comum acharmos reportagens, vídeos na internet e fotos relatando o ocorrido do que artigos acadêmicos. Diferente das canonizações anteriormente citadas, as *treze* são um evento do contemporâneo, vide a

quantidade de placas em agradecimento postas por seus fiéis nos arredores dos túmulos que datam do tempo presente (década de 2020).

Figura 8 - Placa de agradecimento



Fonte: “13 ALMAS DO EDIFÍCIO JOELMA | Cemitério Vila Alpina - São Paulo” [ALMEIDAS INDICAM. 2023]. 16min48s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=swLCT5Yz32U>> Acesso em: 01/10/2024

As “graças” ou “milagres” os quais as santidades populares são conhecidas por realizarem nem sempre tratam de algo extravagante, como posto acima. Tratam-se de conquistas do cotidiano que farão muita diferença se forem alcançadas pelos fiéis que suplicam às almas em troca de uma oferenda que será acordada entre eles (ex-voto). O mesmo vale para todas as santidades anteriormente citadas: os milagres são como “favores divinos”, não remetem aos milagres dos grandes nomes que a igreja canoniza, muito pelo contrário, esses agem diretamente no cotidiano daqueles que os procuram. As santidades populares, não à toa, levam esse nome devido à conexão com o povo. Agem nas camadas populares e são reivindicadas pelos mesmos. Não há como dissociá-las do público, pois são parte do que mantêm a memória viva.

### 3.5 Pessoas vivas e pessoas mortas

O fenômeno por trás dessa espécie de adoção, assimilação ou quase curadoria conjunta de seleção do santo que os públicos operam para/com as personalidades sepultadas, no sentido de ser um processo colaborativo que se assemelha ao dos museus, remete a um aspecto muito importante da museologia e, nesse caso, do fazer memória dentro de espaços de morte, sendo uma movimentação do público em direção a instituição colocando como pauta suas vontades e necessidades, fazendo o caminho inverso do que se imagina para espaços institucionalizados - idealizando uma gestão de responsabilidade, planejamento e diálogo para seu público - que deveriam ser os responsáveis pelas atividades. A demanda do público é certa. Há razões para visitar o cemitério e para além disso existe a vontade de estar nesses espaços para contemplar diferentes tipos de religiosidades. Dessa maneira, quando discutindo os processos de desenvolvimento nessa área Costa (2023, p.5) propõe:

Compreendemos como processos colaborativos todas as atividades onde o museu compartilha o protagonismo com grupos sociais que o constroem geográfica ou discursivamente, no entanto ressaltamos que a pluralidade de termos sinônimos, advindos dos debates nos campos da educação, artes e antropologia, de modo nenhum enfraquecem a discussão.

Nessa proposição, ao falar de museus, podemos observar a semelhança com os cemitérios de maneira que os grupos sociais também são protagonistas que o constroem geográfica e discursivamente. São esses fiéis, como citado acima ao falarmos da Irmandade Maria Bueno, que idealizam os espaços e estabelecem as rotas a serem percorridas nos dias de comemoração para que se possa visitar pontos importantes e coesos da santidade desejada, como é o caso da cruz das Almas (SANTOS, 2010).

Não obstante, no caso do cemitério os públicos o constituem de maneira literal ao desejar que seus corpos sejam sepultados naquele espaço para que seus familiares tenham onde prestar homenagens no pós morte. Muito diferente da concepção da morte no início dos séculos “O historiador Philippe Ariès assinala que até o século XII a morte era vista como coletiva - ligada ao destino da espécie - podendo ser resumida na fórmula "todos nós morremos" (ABREU, 1994, p.207). No contemporâneo, morrer é uma atividade conjunta. Na maioria das vezes o falecido expressa em vida seus desejos sobre o processo a ser submetido após a morte, acordando entre familiares ou amigos. Sempre há o pensamento no outro, e em como o outro vai proceder com esse acontecimento, diferente da concepção do destino da espécie onde todos estavam fadados a

morrer e não havia o que fazer em relação a isso, hoje é um processo sistematizado e regido por costumes e crenças. Assim Regina Abreu (1994, p. 207) propõe:

A partir de então, começou a surgir a preocupação característica dos tempos modernos: a morte individual, a morte de si próprio. A partir do século XVIII, o homem das sociedades ocidentais tende a dar à morte um sentido novo, porém estreitamente ligado a temática da morte individual: é a preocupação com a morte do outro, “o outro cuja lamentação e saudade inspiram ao século XIX e ao século XX o culto novo dos túmulos dos cemitérios”.

Acima expressam preocupações acerca do destino final do corpo físico, diferente das necessidades de salvação do espírito pregadas excepcionalmente pela igreja, existia agora uma relação de caráter memorial-material entre os semelhantes. O desejo da memória, a vontade de não ser engolido pelo tempo, a necessidade de pertencimento: esses tipos de pensamentos tornam-se mais fortes. Agora a problemática da morte lutava contra o esquecimento e desaparecimento dos vestígios físicos, junto disso mais pessoas tornam-se conscientes do direito à lembrança:

Ora a confiabilidade da lembrança procede do enigma constitutivo de toda a problemática da memória, a saber, a dialética de presença e de ausência no âmago da representação do passado, ao que se acrescenta o sentimento de distância próprio a lembrança, diferentemente da ausência simples da imagem, quer esta sirva para descrever ou simular. A problemática do esquecimento, formulada em seu nível de maior profundidade, intervém no ponto mais crítico dessa problemática de presença, de ausência e de distância, no polo oposto a esse pequeno milagre de memória feliz constituída pelo reconhecimento atual da lembrança passada. (RICCEUR, 2007, p.425)

Entretanto, por mais que todos tenham direito de serem lembrados como parte essencial da memória, todos também estão sob a mesma realidade do esquecimento inerente. A grande diferença é que alguns duram mais tempo que outros, por questões ligadas aos inúmeros jogos de poder em questão. O esquecer é parte natural do processo de lembrança, pois ela tem naturalmente um fim, sendo interpretado por muitos como “parte final” por mais que represente a finitude de um processo histórico - concretizando o “fim”- , ainda é parte do que se tem pelo conjunto da memória. Um dia tudo há de ser esquecido, mas enquanto for lembrado haverá de ser uma estratégia da memória, esquecer se faz também político. Há lembranças firmadas no intuito de manter pessoas no poder, como o caso do mausoléu - que exprime poder político/monetário - e também existem situações que o fazer da memória vem de outro lugar,

tomando uma abordagem identitária, como quando um grupo persiste na necessidade de lembrarem de alguém ou algo que os represente de alguma forma, como acontece com diversos casos, sendo um deles os santos populares.

Para finalizar, gostaria de pontuar que para além das abordagens dos grupos enquanto reféns da memória material, temos de outro lado os estudiosos dessa área também permeando os cemitérios e os espaços de memória com intuito de estudá-los. A própria dissertação da autora Conceição Aparecida dos Santos (SANTOS, 2010) anteriormente citada nesta monografia, é relatado no evento do dia dos finados junto dos seus estudos de campo o acaso de ter conseguido observar outros pesquisadores em atividade que igualmente analisavam o comportamento dos visitantes. Esse tipo de estudo em campo se faz muito necessário quando observamos relações inerentes do convívio humano. O campo da memória e da morte depende de pessoas, e sem a atenção necessária a elas perdemos parte do que constitui a área como um todo. Portanto, fazemos uso da memória oral, relatos, sentimentos, crenças e de todos os outros aspectos que constituem as relações com a morte, o morrer e o morto.

#### **4. RELAÇÕES DE MEMÓRIA: Espaços de morte enquanto potenciais educativos**

No presente capítulo serão analisados dois textos: um abordando espaços de memória que colocam em pauta os estudos cemiteriais e seu caráter educativo e outro que além de ser utilizado como base para a atividade educativa realizada no Cemitério São Francisco de Assis, propõe uma categorização de unidades tumulares de personalidades que estão enterradas no cemitério em questão. Esses textos se fazem necessários para exemplificar o entendimento e interação de públicos com o espaço, e além disso também mostram a iniciativa do campo da pesquisa de reintegrar memórias quase perdidas novamente na pauta. Após isso serão propostas ideias acerca do morrer dentro do meio social, e as variadas interpretações que isso pode causar.

Para a Museologia, o objetivo de realizar atividades culturais com fundamentos educativos é parte dos preceitos basilares dentro dos museus:

Ao problematizar as características dos processos educativos, Carlos Rodrigues Brandão nos lembra que eles tomam muitas formas e formalizações. Cada sujeito recebe, cotidianamente, informações oriundas de diferentes fontes de informação e formação, o que permite que se apropriem dos saberes e dos valores culturais da sua comunidade. Assim, entendemos que as instituições de memória – sejam os museus, seja o patrimônio histórico – também atuam como espaços formativos do sujeito (PACHECO, 2010, p.148).

Isto posto, as atividades se fazem necessárias pela ligação com as identidades e narrativas históricas, essas que norteiam o pertencimento na formação de uma pessoa. Por isso espaços de memória como os museus possuem tanta responsabilidade, cabe a eles mostrarem momentos decisivos em relação às narrativas contadas para que seja possível ao público compreender processos que antes disso podiam não estar tão entendíveis, muitas vezes propositalmente apagados para que se possa moldar as noções identitárias. Esses processos quando feitos propriamente sem o intuito de manipulação histórica fazem jus ao tripé da museologia: pesquisa, preservação e comunicação:

A educação patrimonial é uma metodologia de ensino pensada para o espaço do museu e que orienta o uso do objeto cultural para reconstruir os significados dos bens patrimoniais junto às suas comunidades. Ela foi inicialmente proposta por Maria Cristina Horta na década de 1980 já tendo por base o pensamento freiriano. Contudo, entendemos que, quando as categorias próprias desse pensamento educativo se explicitam no planejamento e na execução das ações, elas se qualificam (PACHECO, 2010, p.149).

Por mais que os textos foquem diretamente o espaço do museu, existem muitas semelhanças com outros espaços de memória, nesse caso o cemitério. *Reconstruir os significados dos bens patrimoniais* - mesmo que os sepultamentos nem sempre sejam tombados verdadeiramente, mas em analogia ao fazer museológico tradicional são reconhecidos como os itens de um livro tomo - redireciona as percepções desse espaço para um viés histórico e identitário. Existem muitos túmulos capazes de contar versões da história que não são pauta principal, pois como dito anteriormente, deter controle da memória significa ter o poder de operar as narrativas.

Consequentemente, reeducar os públicos tendo em mente narrativas que revelam partes distintas dos ocorridos do passado é conceder poder a pessoas que antes não sabiam da participação (mesmo que indiretamente) nesses momentos significativos da história que as reflete. Tornando-se ainda mais potente e pessoal quando trazemos a memória por meio de testemunhos tão próximos, como são os sepultamentos, formados por pessoas que fizeram parte ativa de eventos e episódios que antes não estavam sendo devidamente reconhecidos. Os mortos estão tão próximos da memória quanto acervos estão dos museus. Entretanto, isso abarca as mesmas dificuldades e o mesmo cenário que se encontra nos museus quando não compactuam com a historicidade imposta pelo homem branco ocidental, as avaliações e investimentos serão diferentes, afinal a narrativa decolonial não é prioridade. Dessa forma, há outra perspectiva de valores dos corpos humanos onde aqueles não desejados são apenas corpos.

Além disso, dentro da constituição dos bens imateriais, como a memória coletiva e os santos populares, é indispensável a atenção ao conhecimento oral, às narrativas e à conexão com os públicos. Manter a cultura viva é saber que existem comportamentos que indiretamente nos ajudam a manter costumes/tradições/histórias de pé, como a transmissão e socialização do que é falado.

#### **4.1 Mathias Haas e a Santa casa**

Há também as atividades culturais e educativas direcionadas propriamente aos espaços de morte, que são propostas por algumas instituições. Para situar esse tópico trago um texto de Luiza Carvalho<sup>12</sup>, escrito durante a participação da mesma na oficina “Minicurso de Arte

---

<sup>12</sup> Doutora em História, Teoria e Crítica de Arte – PPGAV/UFRGS; Professora Adjunta do Departamento de Museologia Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas – Universidade Federal de Pelotas

Funerária” na Semana Nacional de Museus da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) no ano de 2018, publicado nos anais do evento. Com êxito no objetivo educacional, a autora discorre sobre suas realizações nas atividades educativas de caráter cultural direcionadas aos patrimônios artísticos funerários das cidade de Blumenau, com o Memorial Mathias Haas, e em Porto Alegre, ligada ao Centro Histórico e Cultural Santa Casa (CHCSC):

O Centro Histórico e Cultural da Santa Casa se dedica a manter a história e o espaço de seu cemitério, com um programa ativo de visitação às necrópoles de Porto Alegre. Há variedade de roteiros, voltados aos sepultados e à arte funerária. É perceptível também a inclusão do cemitério nas exposições realizadas pelo CHCSC, pois é seguidamente mencionado nas atividades. Os roteiros foram estendidos e incluem outro cemitério da capital, o Cemitério São José. Trata-se da caminhada noturna que conduz uma centena de pessoas pelas necrópoles durante a noite, principalmente nas sextas-feiras 13, tal como acontece em outros países, no exemplo mais conhecido, a caminhada noturna realizada no Cemitério dos Prazeres em Portugal. (CARVALHO, 2018, p.152)

Na abordagem apresentada, o CHCSC usufrui de outro cemitério da cidade além do que está acoplado aos seus arredores. Nessa proposta colocam a sexta feira 13 - um dia estigmatizado pelo credo popular de má sorte - enquanto alavanca para ideia da caminhada cultural. Evidenciando um bom caso de cenário educativo, propondo que o público tenha entendimento do desenrolar histórico da cidade:

As caminhadas são uma iniciativa do Centro Cultural para o público frequentar o lugar com uma visão atualizada, considerando o potencial para educação patrimonial. A visitação permite se aproximar do túmulo e do falecido – que geralmente é um vulto histórico - o que presentifica a existência dos nomes dados aos aparatos públicos, como ruas, bairros, praças, teatros, escolas (CARVALHO, 2018, p.152).

Entender o passado para compreender o presente é uma iniciativa essencial para esse linear educativo. Partindo da trajetória de membros falecidos que viveram diferentes períodos podemos traçar paralelos capazes de unir a histórias de diferentes pessoas, já pensando isso pelas lentes de uma ação cultural é possível perceber a diferença na tipologia dos públicos, considerando o fator da familiaridade e aproximação que faz diferença na comunicação, principalmente para os temas da cultura e patrimônio, pois dessa maneira o participante consegue estabelecer uma conexão.

As caminhadas do Programa Viva o Centro a Pé passaram a ser ofertadas em 2008, junto à Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Foram várias edições, todas com vagas esgotadas. Realizamos dois tipos de roteiro: o primeiro, com início no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e com término no Cemitério Evangélico. Esse roteiro permitia observar diferenças entre os cemitérios, em relação à sua confissão religiosa e o próprio cemitério, como são os túmulos, os materiais, a arte funerária. O Cemitério da Santa Casa é católico e a profusão da estatuária é muito exuberante. Não há arborização ou, quando muito pontualmente, há algum paisagismo. No cemitério Evangélico, o túmulo dialoga com o espaço verde, da natureza. O marco funerário deve aproximar o visitante da vida: os túmulos são cobertos por caramanchões. Há flores e uma diversificada vegetação (CARVALHO, 2018, p.153-154).

Destaque para todas as vagas esgotadas nas edições previamente aplicadas, o público alvo recebe essa oferta e a abraça, há interesse em conhecer a história da própria cidade, e quando usam de políticas públicas para facilitar esse processo, há credibilidade e fazem com que os participantes e potenciais participantes se sintam convidados. Sobre as percepções da autora sobre o trajeto:

Quando fizemos a caminhada entre o Cemitério da Santa Casa e o Evangélico I, percorremos dois cemitérios, datados de 1850 e de 1852, respectivamente. Nesses cemitérios encontramos materiais de fases distintas da arte funerária, como a pedregris, o mármore e o granito. Verificamos também que o aumento dos sepultamentos requereu novos espaços.

Com as caminhadas, minha percepção do espaço funerário foi se ampliando, na medida em que acompanhada por dezenas de pessoas eu revia esses espaços e que múltiplos olhares apuravam o meu olhar. O interesse dos grupos de participantes conduziu à um segundo roteiro: um comparativo entre os cemitérios católico e evangélico luterano mais modernos: o Cemitério São Miguel e Almas e o Cemitério Evangélico II. Assim, percorremos os caminhos de duas novas necrópoles, o São Miguel e Almas, datado de 1909 – que é um desdobramento do próprio Santa Casa, pois a Irmandade do Arcanjo tinha lá um terreno seu - e o Cemitério Evangélico II, uma expansão do próprio setor mais antigo do Cemitério Evangélico, com paisagismo e arquitetura tumular moderna, seguindo os preceitos do cemitério bosque. Os acervos dessas necrópoles são ricos em granito e em bronze. No segundo roteiro podemos ampliar a análise dos acervos de arte funerária e articular a percepção desses acervos com períodos, etnias, confissões religiosas, e expressões artísticas diferentes, bem como a própria arte funerária, que tem configuração própria em cada um dos quatro cemitérios (CARVALHO, 2018, p.154).

Pelo depoimento da autora observamos que a caminhada cultural tem uma interpretação diferenciada sobre o espaço, propondo que se interprete os cemitérios partindo da arte. Essas atividades educativas se baseiam em objetos como os próprios túmulos do percurso em si enquanto parte do conjunto da cidade para entender a história. Já no caso do Memorial Mathias

Haas, ao invés das artes dos espaços, as abordagens se baseiam no processo de construção do mármore da lápide:

[...] é atualmente o único centro cultural e museu brasileiro que guarda a memória do fazer das marmorarias e a história de seu marmorista, Mathias Haas, “imigrante alemão que chegou ao Brasil em 1904”. O memorial tem por premissa “salvaguardar o acervo que ele reuniu ao longo da sua vida e que conta a história de sua família e a empresa funerária”. O Memorial foi organizado pela Família Haas e pela historiadora e pesquisadora Elisiana Trilha Castro, e inaugurado por ocasião do VIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, em 2017. A coleção que esse memorial guarda é um dos mais fantásticos acervos para termos conhecimento da produção da arte funerária e do trabalho e da vida de seus marmoristas. O que está guardado na reserva técnica da Haas é um dos maiores tesouros sobre a temática da arte funerária e o impacto de sua abertura ao público é ainda algo que não conseguimos mensurar por ser muito recente. O Memorial Mathias Haas há de conduzir muitas pessoas aos cemitérios, interessadas pela cultura cemiterial e embasadas no conhecimento do funcionamento de uma marmoraria, o que proporcionará uma experiência muito mais crítica e direcionada dentro das necrópoles (CARVALHO, 2018, p.152-153)

O intuito da instituição, como a própria autora propõe, é guiar o visitante pelas necrópoles mesmo sem estarem inseridas em uma, como é o caso das apresentadas. O memorial expõe suas ideias informando o visitante sobre os processos técnicos por trás da feitura das lápides que utilizam do mármore como técnica. Não necessariamente se tratam de grandes esculturas, mas fazem parte de um processo de criação também artístico que foi preservado pela memória da família do marmorista, esse conhecimento é de interesse ao público pois revela os processos por detrás da concepção das necrópoles. Exibindo uma camada da memória dos cemitérios que pouco se percebe, a do fazer material dos objetos que constituem os monumentos. Para que uma necrópole se erga além dos mortos precisamos da linguagem material dos vivos que a caracteriza, e que para muitos é alvo de admiração.

#### **4.2 Cemitério São Francisco de Assis**

Dentro desse cemitério localizado em Florianópolis também existem atividades de caráter educativo com intuito de fomentar o campo da cultura e dialogar com os testemunhos históricos da cidade, nesse caso, representados por túmulos e lápides. Como é o caso da atividade “Lá no Cruzeiro divino onde as almas vão rezar: oficinas culturais sobre as personalidades negras sepultadas no Cemitério São Francisco de Assis” realizado nos dias 05/6/2024, 08/06/2024 e

22/06/2024. Essa sequência de encontros é baseada no livro homônimo “Lá no cruzeiro divino, onde as almas vão rezar”: inventário das unidades tumulares de personalidades negras em Florianópolis” dos autores Elisiana Trilha Castro e Fábio Garcia<sup>13</sup>, que são também os ministrantes da oficina. A obra inicia da seguinte maneira:

Entre os habitantes da África Ocidental da nação Axanti, existe uma palavra que significa “volta ao passado a fim de adquirir conhecimento e sabedoria”. Esse retorno à herança cultural dos antepassados visa ressignificar o presente e o futuro. Esta palavra é: Sankofa.

Sankofa diz muito sobre o inventário que aqui se apresenta com muito respeito e orgulho à sociedade catarinense, apoiado através do Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura/2020, promovido pela Fundação Catarinense de Cultura-FCC/SC. Assim, voltamos nosso olhar para um território pouco valorizado na sociedade, o do cemitério, para de lá reavivar memórias, experiências, legados de mulheres e homens dignos de monumentos em bronze e ouro (CASTRO; GARCIA, 2021, p. 9).

Assim, os autores evocam a ancestralidade referente aos membros de um grupo que estão prestes a ser apresentados e contextualizam a criação da obra. Dessa maneira introduzem ao leitor uma nova percepção de memória decolonial, partindo dos princípios afro e aplicando-o ao cemitério do Itacorubi:

Um cemitério (local concebido para inumar os cadáveres) guarda registros de muitas histórias de vida. Contudo, nem todas as histórias são conhecidas pelos visitantes desses locais nem fazem parte de roteiros e estudos sobre os cemitérios e seus ocupantes.

Boa parte das histórias presentes nos cemitérios só é “encontrada” quando de uma análise mais atenta dos elementos materiais e imateriais que a ela se referem; outras ganham evidência, pois estão registradas em monumentos funerários imponentes, geralmente dedicados às pessoas que tiveram destaque no cenário político, econômico e social, pertencentes a famílias igualmente tradicionais.

Em tais edificações encontram-se bustos, alegorias e epitáfios que permitem aos visitantes reconhecer os ocupantes de determinado túmulo ou capela funerária, como também possibilitam distinguir visualmente sua arquitetura eminente pela presença de elementos artísticos e decorativos dentro do conjunto tumular de um determinado cemitério.

São unidades que aparecem mais frequentemente em ações de preservação do patrimônio cultural, em roteiros de visitação cemiteriais oferecidos atualmente em diferentes cidades do Brasil e do exterior.

Os cemitérios, todavia, são majoritariamente formados por unidades de sepultamento menos monumentais, a saber: covas simples com as costumeiras inscrições de nomes e datas; epitáfios pouco biográficos e jazigos sem grandes

---

<sup>13</sup> Bacharel e licenciado em História pela Universidade de Santa Catarina/UFSC. Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC, doutorando no PPGE/UFSC.

alegorias, feitos de materiais menos nobres como a alvenaria, o ferro e a madeira.

É fato que os cemitérios abrigam sepultamentos de pessoas que, embora tenham tido grandes histórias, nem sempre alcançam um derradeiro lugar que promova o reconhecimento de sua trajetória (CASTRO; GARCIA, 2021, p.11-12).

Novamente, pensar a educação cemiterial contracorrente ao que os grandes monumentos e mausoléus querem apresentar, integra a população que vive ao redor. Falar dessa história é inserir o público na narrativa, e nesse com ainda mais urgência, pois trata-se da história negra. A formação dos cemitérios populares, esses que geralmente estão presentes no dia a dia, não se baseia nos grandes feitos da arte cemiterial, e sim nos jazigos e escrituras simples. Identificar diferentes túmulos, partir de um método para enxergar através de construções e caracterizações “principais” que existem ali dentro, foca em outra lógica, em que mesmo onde as pessoas são sistematizadas para que sejam menos vistas, há uma estratégia de preservação, educação e pesquisa que visa o campo da memória para dialogar de outra forma.

No decorrer do texto os autores explicam melhor o intuito da obra junto da maneira que foi criada, mostrando um pouco de como contataram os públicos que frequentam aquele espaço para que pudessem saber mais das personalidades:

Em grande parte, este inventário é fruto dos atos comemorativos dos 130 anos de nascimento de Trajano Margarida (1889-2019). Como parte da programação oficial do Mês da Consciência Negra de 2019, houve a reedição completa de seus poemas e livros, e se realizou, graças a voluntários\*, a reforma de seu túmulo.

A ideia de buscar histórias, tais como a de Trajano Margarida, para além das tradicionais, fez surgir o projeto “Lá no cruzeiro divino, onde as almas vão rezar: inventário das unidades tumulares de personalidades negras em Florianópolis”, contemplado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura contribuíram em diferentes áreas da cultura, política, educação, música, arte, a partir de suas lápides, símbolos e epitáfios.

O trabalho pretende tanto perscrutar novas referências culturais, materiais e imateriais quanto valorizar fontes históricas ainda pouco exploradas: os cemitérios e os sujeitos históricos lá sepultados. E há muito a ser contado sobre o papel de cada nome que faz parte deste inventário.

Para a seleção das personalidades foram realizadas pesquisas bibliográficas e coleta de informações com pesquisadores. Com o propósito de ampliar as possibilidades de pesquisa, foi criada também uma página no Facebook [<https://www.facebook.com-no-cruzeiro-divino-aonde-as-almas>] que permitiu ainda divulgar os resultados do levantamento. Nessa página do Facebook foi disponibilizado o link de um formulário para a indicação de nomes de personalidades negras sepultadas no cemitério São Francisco de Assis. /2020 (CASTRO e GARCIA, 2021, p.13-14)

Pensar numa proposta como essa é saber que necessita-se do contato direto com quem a constrói, sendo assim os autores e também pesquisadores tiveram a iniciativa de utilizar a rede social “*Facebook.com*” para firmar essa ponte. Essa iniciativa é uma estratégia de comunicação muito interessante quando pensamos na delicadeza das histórias. Muitas delas sendo passadas de maneira oral, agora teriam um canal *on-line* aberto para que pudessem ser expressas e chegassem ao pesquisador. De fato, não se traduz o meio oral para o meio digital de maneira tão simples, mas ainda sim funciona e comunica com o público em um lugar que ele se encontra: as redes sociais. Nesse projeto a tecnologia se mostrou aliada para a comunicação com os pesquisadores.

Após essa contextualização, o livro informa os recortes na estrutura do cemitério do Itacorubi sinalizando por uma espécie de mapa a localidade dos túmulos que serão posteriormente discutidos, assim dando início aos inventários e biografias.

A apresentação das personalidades (ao total 24 pessoas) se dá através de um espaço para texto descritivo e histórico, no intuito de contar um pouco sobre a trajetória de vida dessa pessoa; uma imagem do finado; as fontes dessas informações e ficha inventarial, contendo: data de levantamento; nome do falecido; localização no cemitério; número de sepultados; estado da lápide; localização da lápide; apresentação das inscrições; transcrição do epitáfio; estado de conservação; presença de danos; tipologia; materiais construtivos; ritos; ornamentos; confissão religiosa e por fim a descrição da unidade tumular.

A estruturação dessas informações se assemelha muito a maneira que se faz documentação museológica, contendo até mesmo uma ficha destinada a fim de inventariar, mas que de maneira direta qualifica metadados referentes àquela unidade. De acordo com a museóloga Renata Padilha (2014, p. 37), a documentação museológica possui alguns critérios a serem estabelecidos:

Ter conhecimento, clareza e exatidão sobre o acervo; Descrever as características informacionais intrínsecas e extrínsecas dos objetos; Designar um número de registro ao objeto, para a identificação rápida e precisa; Garantir a segurança do acervo por meio da documentação museológica, contra qualquer interferência externa ou interna ao museu; Estruturar os documentos e as fichas produzidas pelo museu, visando a uma padronização mínima entre outras instituições, sem abrir mão das singularidades dos diferentes tipos de museus e acervos; Criar um sistema que permita a interoperabilidade institucional entre outros museus (pelo menos entre instituições de mesma tipologia); Controlar o vocabulário dos registros de informação utilizados na base de dados, de modo que eles sejam acessíveis.

A publicação propõe esses mesmos níveis de informação e organização de maneira não institucionalizada, ordenando as unidades numa lógica própria para manter comunicação aberta e acessível. Não assumimos que a obra proponha a documentação no intuito de se parecer com um museu, mas é uma aproximação casual com a área, revelando que há necessidade de elaborar certa sistematização quando elucidam os sepultamentos para que se possa preservar a memória. Ao fim da publicação comentando mais sobre os túmulos presentes, os autores colocam:

Ao contrário dos grandes túmulos que homenageiam personalidades nos cemitérios, este estudo se voltou aos jazigos menos monumentais que pretendem antes homenagear a memória dos sepultados do que ilustrar suas trajetórias. Nas visitas de campo dos pesquisadores, foram repertoriadas unidades tumulares de formatos frequentemente padronizados e feitas de materiais como o granito, madeira e o cimento e por meio de técnicas como a alvenaria. Tais unidades costumam ser pouco representativas no que se refere à distinção social, principalmente quando comparadas aos grandes jazigos construídos com materiais nobres, como o mármore e o bronze (CASTRO e GARCIA, 2021, p.183)

O propósito de homenagear a memória é reforçado, pois se tratam de túmulos pouco reconhecidos pela sua apresentação, que não têm apelo ao público apreciador das artes cimiteriais ou os estudiosos da área, além disso também são pertencentes a personalidades negras que compuseram a história regional, agregando ainda mais especificidade. Em vista disso, o esforço para manter essa memória viva é ainda maior, tendo ideias inversas que enaltecem a memória decolonial no campo de estudos cimiteriais é um desafio por serem mais afetadas pelo passar do tempo: túmulos se apagando, histórias sendo esquecidas e prevalecendo a versão do outro, qual estruturalmente é visto como valioso. O que chama atenção nos trajetos cimiteriais e caminhadas culturais atualmente está relacionado a arte, tendo alguns projetos como esse inclinado para outro lado na finalidade de retomar narrativas diferenciadas que revelam uma história ampla.

A iniciativa de organizar esse inventário de unidades tumulares junto dos encontros com caráter educativo cultural revela que há ainda muito espaço nesse campo de estudos para explorar diversas narrativas, histórias e também metodologias. Está próxima do limiar museológico, organizando os sepultamentos e promovendo atividades para comunicar a pesquisa, conseqüentemente, influenciando os leitores e participantes a falarem e pensarem sobre, mantendo a memória viva.

### 4.3 Percepções

Sabendo de onde os cemitérios vem e como se organizam, nos resta pensar nos vivos e mortos que juntos o constituem, mas principalmente nos vivos que os mantém. Para a museologia, além de um espaço de memória, o cemitério também é capaz de documentar a maneira de morrer de uma era dentro do Ocidente e junto disso o modo como a cidade e a sociedade se relacionam. Existem muito cemitérios de valor histórico no Brasil, entretanto, é necessário pontuar que:

[..] os bens reunidos por cada sociedade em sua história não pertencem a todos, ainda que formalmente pareçam ser de todos. Diferentes grupos se apropriam de forma desigual desses bens considerados como herança cultural, presentes em instituições, como os museus. Nesses locais a apropriação dos bens selecionados e expostos como representativos de determinada cultura é realizada de forma desigual e são apropriados de forma diferenciada por grupos de diferentes classes econômicas e sociais. Contudo, não se pode descartar o papel fundamental de instituições, como os museus, na preservação e no debate sobre bens culturais. A desigualdade na apropriação do patrimônio cultural pode estar na participação parcial desses grupos na sua formação e seleção, na hierarquia dos bens culturais [...] (CASTRO, 2008, p. 18-19) .

Por essa razão, ao falarmos de memória mortuária temos de recortar os espaços e monumentos que estão sendo propostos embasando-os cada qual com sua especificidade. Não há como falar do entendimento dessas memórias para pessoas de classes sociais tão distintas sem explicitar as razões pelas quais isso ocorre, por exemplo, enquanto para uns a experiência pode ser de um cemitério onde há grandes mausoléus, para alguns outros o máximo de aproximação pode ser uma lápide comum. Muitas vezes não é sobre a imagética extraordinária dos grandes cemitérios, e sim do espaço enquanto utilitário parte do narrar histórico.

Optamos por não abordar aqui a arte cemiterial, pois ela não abrange as questões relacionais dos públicos com o espaço que estão sendo discutidas, por mais que seja interessante a comunicação que se estabelece com esses signos, eles não compõem os cemitérios populares. Essa visibilidade que a maioria dos espaços prefere ter não se encaixa no obscuro nem no mórbido, permeia as características do belo e do histórico, que no fim são também escolhas:

A partir destas constatações o patrimônio cultural é o que se pode chamar de uma construção social, no qual um pretérito passa a ser aquele que o grupo irá destacar como representativo da sua memória. São eleitas assim determinadas tradições e apesar do contato com outros grupos e da apropriação desigual desta memória, esta geralmente contam com investimentos estatais, são valorizadas como objetos de identificação grupal coletiva (CASTRO, 2008, p.18).

Junto dessas construções acerca do que prevalece no social, o cemitério também se revela nas práticas para além do enterro, sendo espaço de troca, religiosidade, práticas de ciências mortuárias, dentre outras coisas, assim “como os ritos que dão forma à despedida e que cercam a preparação do corpo para o seu sepultamento. além destas, seguem-se as manifestações decorridas após o sepultamento como a visita ao túmulo, o cuidado e a manutenção do mesmo, missas para o morto e outros” (CASTRO, 2008, p.20). O cemitério se torna parte da cidade, de várias formas - mesmo sendo local de repouso dos mortos - é um membro da malha urbana e também espaço de interação de diversos indivíduos. Corpos mortos e vivos continuam mantendo relações sociais mesmo após a morte e, por isso, necessitam de atenção como qualquer outro espaço de uso, pesquisa, vida e morte.

A ideia que os cemitérios carregam no imaginário social está bastante ligada ao medo, dor da perda, estigmas por detrás do sobrenatural e da própria morte:

Os centros urbanos possuem áreas que são percebidas com repulsa, medo, inquietação ou até desprezo - são áreas que, devido a percepções culturais, se deseja relegar ao esquecimento e que se tornam visíveis em determinadas situações a contragosto do que deseja grande parte da população urbana. É possível perceber, por exemplo, que os hospitais terminais, os asilos, os necrotérios e os cemitérios são estigmatizados por muitas das pessoas por se relacionarem diretamente à percepção da degenerescência ou da morte do corpo físico, que tanto incomodam a sociedade moderna (VALE, *et al*, 2016, p. 259).

Por serem ambientes onde a morte se faz presente há repulsa, como dito acima são tópicos que desagradam a sociedade moderna fazendo com que evitem lugares como esse. No texto citado acima “Áreas Malditas” os autores Ciro de Sousa Vale e Tania Maria Freitas de Barros Maciel refletem as características que delimitam esses espaços dentro dos centros urbanos. Entre elas cabem a negação e o esquecimento, pois só são lembrados em momentos oportunos e esquecidos logo após:

Apesar de ocuparem um espaço concreto nas cidades, são tratadas como áreas invisíveis dos centros urbanos. Apesar de sua existência física, na verdade, é como se não existissem para os indivíduos, sendo lembradas e visitadas apenas quase que exclusivamente por ocasião da morte de um membro familiar ou então a morte de alguém próximo. Essas áreas possuem um fluxo variável de visitantes e ocupam um destaque maior no dia de finados, determinado pela tradição cristã (VALE, *et al*, 2016, p.260).

Os autores ainda propõem sobre o posicionamento afastado desses locais dentro da malha urbana que:

É possível questionar, no entanto, se esse distanciamento proposto também não decorreria do esforço de modernização da cidade, o qual levaria à exclusão, do centro urbano, de lembranças indesejáveis, tais como a da morte.

Sim, pois as áreas cemiteriais estão tão claramente identificadas como áreas “malditas” dentro do tecido urbano, que se torna “necessário” que essas áreas fiquem, na maior parte das vezes, no esquecimento, para que haja o mínimo contato entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. De fato, o esquecimento da morte é extremamente desejável numa sociedade (VALE, et al, 2016, p.262).

E junto dessas percepções, para entender melhor de onde vem o medo precisamos observá-lo enquanto uma construção social:

O sentido de uma determinada experiência emocional requer uma indagação acerca dos sentidos que transmite para uma comunidade de falantes. Perguntar pelo sentido de uma palavra ou de uma frase equivale a indagar como ela é usada, ou seja, como seus usos são definidos pelas regras estabelecidas nos jogos de linguagem. Assim, o sentido de nossas experiências internas não é intrínseco a elas mesmas, mas constitui-se a partir de uma linguagem pública, cujos sentidos vão ganhando forma a partir das regras de uso, em contextos determinados. Pensar assim implica aceitar que diferentes jogos de linguagem e diferentes formas de subjetivação originarão formas distintas de entender e experimentar o medo (SANTOS, 2003, p.49).

O medo vem da socialização apresentada diante do tema, levando em consideração que estamos tratando de cemitérios, isso seria devido ao tabu da morte, e conseqüentemente de seus desdobramentos:

Costa (1998), adota a perspectiva de que as emoções são constituídas de sentimentos e sensações, mas também de crenças e julgamentos, não podendo ser redutíveis quer a uma base neuroquímica, quer à idéia de sentimentos universais, trans-históricos, constituintes de um psiquismo universal. (SANTOS apud COSTA, 2003, p. 49).

As crenças e julgamentos em grande parte refletem na comunicação. No intuito de saber quais as últimas notícias sobre o tema, para levar em conta a percepção popular, apresentamos duas matérias de jornais *online*, fruto da procura do termo “cemitério” no *site* de pesquisa “*google.com*”. Essas são notícias de momentos muito próximos e apresentaram duas maneiras de comunicar o cemitério:

Figura 9 - Reportagem do site “O globo”

## Moça do Táxi, lenda urbana que ganhou até devotos no Pará, tem imagem vandalizada em cemitério: 'Nos encara o tempo todo'

Josephina Conte morreu de causas desconhecidas em 1931 e, um século depois, mantém a admiração de motoristas da região

Por **Ullisses Campbell** — Belém (PA)  
18/10/2024 03h30 • Atualizado há 6 horas



Fonte: <<https://oglobo.globo.com/blogs/true-crime/post/2024/10/moca-do-taxi-lenda-urbana-que-ganhou-ate-devotos-no-para-tem-imagem-vandalizada-em-cemiterio-nos-encara-o-tempo-todo.ghtml>>. Acesso em: 18/10/2024.

A reportagem informa que “Vândalos recentemente riscaram os olhos da foto de Josephina Conte, uma das ‘moradoras’ mais conhecidas do local”<sup>14</sup> e a interpreta enquanto uma personalidade da região que se aproxima da religiosidade, como uma santa popular:

Motoristas, especialmente taxistas, atribuem a ela a proteção contra acidentes e assaltos, além de ajuda para o pagamento de prestações de veículos financiados. Perto de seu aniversário, muitos devotos acendem velas ao redor do túmulo, o que causou alguns incêndios. Em algumas ocasiões, o Corpo de Bombeiros já precisou ser chamado para apagar o fogaréu.

O depoimento que dá título a matéria - “nos encara o tempo todo” - revela a importância da educação em cemitérios. A depredação desse sepultamento só ocorreu em resposta ao medo

<sup>14</sup> CAMPBELL, Ullisses. Moça do Táxi, lenda urbana que ganhou até devotos no Pará, tem imagem vandalizada em cemitério: 'Nos encara o tempo todo'. O globo, Belém (PA), 18 de outubro de 2024. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/true-crime/post/2024/10/moca-do-taxi-lenda-urbana-que-ganhou-ate-devotos-no-para-tem-imagem-vandalizada-em-cemiterio-nos-encara-o-tempo-todo.ghtml>> acesso em: 18/10/2024

dos passantes, pois a figura despertava neles um sentimento ruim. Esse como dito acima, não surge de maneira natural e sim de julgamentos e crenças (COSTA, 1998) que podem ser evitados quando o tema é tratado de maneira direta, sem confabulações preconceituosas postas justamente por causa da temática mortuária. Ao mesmo tempo que se fala do ato de vandalismo com o sepultamento, a interpretam enquanto moradora, membro da cidade e parte do imaginário social, ou seja, há indícios de que a figura pode não causar medo em todos, pois como informado em seguida no corpo da reportagem tem até seus próprios devotos. Ao longo da matérias a figura de Josephina é melhor descrita:

O apreço por Josephina existe desde a década de 1960. Segundo a lenda, a jovem de 16 anos sai do túmulo no dia de seu aniversário, 19 de abril, pega um táxi na calçada do cemitério e percorre as ruas da cidade. Ao fim do percurso, a passageira-fantasma instrui o motorista a cobrar a corrida na casa de seus pais. Nascida em 1915, Josephina morreu de causas desconhecidas em 1931, em um sítio no distrito de Icoaraci, em Belém. Com o passar do tempo, ela passou a ser vista como uma figura de devoção na capital paraense.

A matéria descreve melhor a figura da moça revelando até mesmo o conto de origem dessa “lenda urbana”. Também se propõe a explicar qual a história por trás do tal “olhar que persegue”:

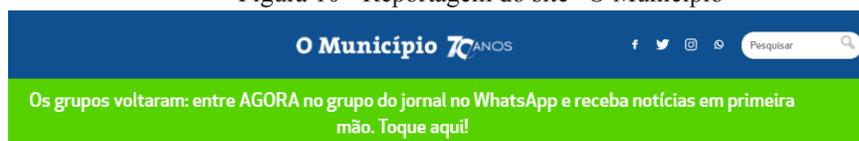
Seus devotos, porém, afirmam que a imagem parece segui-los, independentemente do ângulo de onde a observam. Essa impressão é uma ilusão de ótica conhecida como "efeito Mona Lisa", onde o observador tem a sensação de que os olhos de uma figura bidimensional estão sempre voltados para ele. O pedreiro do cemitério, Valdeci Gouveia da Silva, de 53 anos, relata que o olhar de Josephina encanta seus devotos, mas também assusta quem passa pelas alamedas próximas ao seu mausoléu.

"Veja como ela nos encara o tempo todo, mesmo que você esteja à direita ou à esquerda do túmulo", diz Valdeci. "Por isso os vândalos decidiram riscar os olhos da moça", conclui. O funcionário também conta que os admiradores de Josephina pagam entre R\$500 e R\$600 para a manutenção da sepultura. O túmulo da Moça do Táxi está localizado na quadra 2K, na esquina das alamedas Santa Rita e São Paulo, um dos corredores mais nobres do cemitério.

O efeito de perseguição que causa medo justifica a ação, como é posto pela matéria e pelo funcionário do local. Ele também informa um pouco da relação da moça com o público, que em parte é composto por “admiradores” que gerem a logística do sepultamento. É notável a repercussão da história de vida da moça, causando sentimentos controversos na cidade que variam entre amor e ódio.

Como contraponto a um ocorrido que se dá devido à estigmatização do tema, na reportagem abaixo temos uma matéria do jornal “O município” que de maneira direta informa a inauguração de um cemitério na cidade de Brusque, Santa Catarina:

Figura 10 - Reportagem do site “O Município”



## Conheça o primeiro cemitério parque de Brusque

Espaço no bairro São Pedro tem 48 mil m<sup>2</sup>

Por Bruno da Silva | 17/10/2024 | 6:00



Fonte: <<https://omunicipio.com.br/conheca-o-primeiro-cemiterio-parque-de-brusque/>>. Acesso em: 18/10/2024

Nessa reportagem sobre um novo cemitério inaugurado no bairro São Pedro, são destaques as novidades disponíveis nesse espaço e os diferenciais nas maneiras de realizar o cerimonial, pois é um espaço mais moderno que os demais atualmente:

O Memorial Brusque, primeiro cemitério parque da região, já está em funcionamento. O espaço é inspirado nos cemitérios americanos e fica em uma área com mais de 48 mil metros quadrados, na rua Nicolau Imhof, no bairro São Pedro, e conta com um jardim para jazigos individuais e coletivos.<sup>15</sup>

além de ser um cemitério parque, que é uma ideia importada capaz de agradar outros públicos que possam não se familiarizar com a formulação espacial e visual dos cemitérios atuais, revela-se numa categoria tecnológica de acessibilidade: “[...] lápides contêm *QR Codes* e, em um site, a família e entes queridos têm uma área liberada para inserir textos, fotos e

<sup>15</sup> SILVA, Bruno da. Conheça o primeiro cemitério parque de Brusque: Espaço no bairro São Pedro tem 48 mil m<sup>2</sup>. O município, Brusque (SC). 17 de outubro de 2024. Disponível em: <<https://omunicipio.com.br/conheca-o-primeiro-cemiterio-parque-de-brusque/>> Acesso em: 18/10/2024

homenagens para eternizar.”. Essa nova visão do cemitério é proposta enquanto uma maneira diferente de enterrar os mortos, a chamada da reportagem não é enviesada e o corpo da matéria possui caráter informativo:

Durante o enterro, a grama é recortada e os caixões colocados em estruturas de concreto já construídas em cada lote. A empresa tem um aparelho chamado descensor, com uma roldana, para descer o caixão. É possível também transferir corpos de algum outro cemitério para o Memorial. A capacidade total do terreno é de 5 mil lotes.

Guilherme acredita que a procura por uma alternativa a cemitérios convencionais é a proximidade com a natureza, que traz um aconchego aos entes queridos. “Aqui não é necessário fazer limpeza, não tem perigo de furto. E o clima também é diferente. É para ser um lugar onde a pessoa vem para reviver memórias, de aconchego. É possível fazer piqueniques, tocar algum instrumento, é para ser um clima mais leve”. Ele ainda destaca a segurança do local, que é fechado durante o período da noite.

A descrição desse “novo cemitério” faz questão de pontuar as diferenças entre o cemitério comum do cenário brasileiro enaltecendo a natureza, tecnologia, ambiente, segurança, mas principalmente a gestão atenciosa que possibilita essas esferas de desenvolvimento. Ao contrário do que foi proposto anteriormente, nesta reportagem a apresentação do espaço foca nos pontos positivos que o tornam referencial de algo aconchegante, para que possam tê-lo enquanto lugar de memórias afetivas.

Assim, de maneira direta fica fácil perceber a necessidade de uma reeducação quando se fala em cemitério. Enquanto num primeiro momento o foco foi a depredação de um túmulo que no fim se revela importante para cidade, de outra perspectiva temos um espaço de morte sendo inaugurado e bem valorizado por suas características.

#### **4.4 A morte enquanto membro de um grupo**

Atentando às proposições acima, realizamos o quanto a morte é um tema atual. Mesmo que as atividades sejam majoritariamente em torno da memória e do passado - afinal morrer é o fim de uma vida - tudo que se escreve sobre abre um leque de possibilidades referentes às diferentes maneiras de perceber a morte e falar dela.

A morte pode ter viés político, sanitário, social, científico, médico etc. Assim como a museologia, possui multidisciplinaridade. Os encontros entre esses dois temas - cemitério e museu - podem ser mais amplos do que o que foi apresentado, as variantes podem ser outras.

Essas escolhas giraram em torno dos públicos, da memória e da maneira de se relacionar com esse espaço de morte, seja a fim de desconstruir a imagem negativa que sonda os cemitérios ou não. Entretanto, retomo um último recorte com destaque a perspectiva do poder ao redor da morte e da memória, mais especificamente o direito político ao morrer. Trazendo um texto de viés antropológico, comparando a morte de dois meninos negros em dois estados do Brasil, com isso podemos perceber diversas nuances do tema morte. Assim coloca a autora Flávia Medeiros (2023, p. 5-6), em seu artigo “Matabilidade como forma de governo”:

[...] a matabilidade se inscreve como dispositivo que circunscreve uma economia política e moral para modos de vida específicos, por meio da construção de mortos, a gestão do luto e a naturalização da morte. Para tanto, o artigo aciona a descrição etnográfica da morte de dois meninos negros, um de 12 anos assassinado pela Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC) na cidade de Florianópolis, e outro de 14 anos assassinado pela Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro (PCERJ), na cidade de São Gonçalo, região metropolitana da capital. Ambos os casos permitirão contrastar os agenciamentos de dispositivos negrogovernamentais e modos de luto, luta e resistência, a fim de explorar especificidades de cada contexto.

A morte, que é tão discutida quando se fala em cemitérios, não se resume a um acontecimento tão simples e comum a todos, muitas vezes é uma estratégia de poder e forma de governo. Assim como a memória de quem já está morto, escolher quem deve morrer, também faz parte do processo de manipulação. A estratégia de resgate de memória da cultura negra em Florianópolis, como proposto no capítulo anterior, se conecta diretamente em resposta a essa forma de necropolítica. Isso se dá devido ao alvo colocado nesses corpos, que quando mortos ajudam a reiterar certos tipos de ideologias de governo.

Os corpos marginalizados não morrem da mesma maneira que a maioria dos corpos enterrados que terão direito a memória, é histórica a diferenciação, por exemplo, dos cemitérios negros e brancos. Seja pela diferença na herança cultural ou pelas políticas racistas que o Brasil carrega há tanto tempo, são membros que não possuem o mesmo valor dentro de espaços sistematizados de morte, principalmente dos tão valorizados onde a arte cemiterial reina e os roteiros turísticos lucram por demasiado.

A história por detrás desses espaços, mesmo que com resgate de informação de quem está sepultado e todas as estratégias de pesquisa, nunca será capaz de reintegrar o passado de tantas pessoas que não tiveram direito à morte e à memória. Os cemitérios são, para quem é permitido,

um espaço de morte, e portanto devem ser tratados enquanto potencial de memória, educação e cultura, mas é inegável que um dos principais elementos que os compõem são as faltas.

Existem nomes e histórias que nunca serão contados por testemunhos materiais ou monumentos em cemitérios, e é por isso que os resgates precisam dialogar com as comunidades. Muitas vezes membros dos bairros e cidades são capazes de lembrar das pequenas sepulturas ou das cruzes espalhadas “em memória” que nos grandes guias são esquecidos, isso caso estejam representados no mundo material de alguma forma. A museologia se torna aliada nesse sentido pela proximidade com o fazer social, os museus e o fazer museológico deixam de ser ciência aplicada dentro de espaços específicos para poder se estender diante de outros fragmentos de memória que ajudam na construção de uma narrativa diferente.

Há necessidade em dialogar com todo espaço que representa o passado e seus monumentos, mas acima de tudo há urgência em entender as razões que permitiram a esses espaços serem construídos e perpetuados. Sabendo de um histórico de desenvolvimento, encaramos de frente um futuro promissor de novas dinâmicas socioculturais entre a museologia e os cemitérios. Fornecendo mais informação do que somente os sepultamentos de determinado período, são um conjunto de práticas, costumes e crenças, ou seja, refletem uma Cultura.

No cenário museológico, tendo como base os currículos de graduação, por exemplo, não há presença expressiva das abordagens relacionadas aos espaços de morte e do morrer. Por mais que o *memento mori* seja parte da introdução das teorias museológicas quando se contextualiza o passado e a memória, ainda há muitas outras linhas de raciocínio que beneficiam a instituição museu e ampliam os horizontes do estudante - sendo ele quem há de movimentar o campo -. Isso sem contar a acessibilidade dos cemitérios em questão de circulação e visitação, espaços de memória presentes em tantas partes do país. A museologia tem valores que podem nutrir narrativas relacionadas ao universo da morte na mesma proporção que alimentam museus de território ou ecomuseus, basta dar chance ao campo de estudos numa direção diversificada, observando melhor os locais sensíveis de negação, luto e ausências. Inteiramente feitos pelos públicos que os frequentam, expressam uma relação multilateral de comunicação e troca que os mantém de pé, e por consequência, se tornam pontos latentes de estudos para a área da museologia.

Para encerrar, em paralelo a expressão latina “*memento mori*”<sup>16</sup> que enfatiza a lembrança de que todos hão de morrer, há uma alegoria artístico-literária da idade média conhecida como “*danse macabre*”<sup>17</sup>, retratada em diferentes pinturas e afrescos da época, que assim como a expressão anterior é criada para lembrarmos da morte. Entretanto de um modo diferente, onde a figura da morte guia todas as classes sociais para a mesma direção, ou em círculo, com uma dança.

Figura 11 - Alegoria da “*Danse Macabre*” por Janez iz Kastva



Fonte: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dance\\_of\\_Death\\_\(replica\\_of\\_15th\\_century\\_fresco;\\_National\\_Gallery\\_of\\_Slovenia\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dance_of_Death_(replica_of_15th_century_fresco;_National_Gallery_of_Slovenia).jpg)> Acesso em: 19/11/2024

Esse arranjo no mundo das artes motiva muitas interpretações, mas o que queremos enfatizar é a noção de igualdade: todos dançam com a morte. Diferente de reiterar o morrer do indivíduo, essa organização salienta a morte enquanto parte da trajetória do grupo em sua totalidade, portanto nela todos devem ser lembrados.

---

<sup>16</sup> Do latim “lembre-se de que você vai morrer”

<sup>17</sup> Do francês “dança macabra”

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho teve seus objetivos alcançados no que diz em relação aos limiares entre cemitérios e a Museologia. Levando em consideração a complexidade das relações que se criam dentro deste espaço, se aproximando das lógicas de um museu. Foram trazidos exemplos coesos para que possamos elucidar os tópicos de memória e poder a fim de pontuar suas narrativas e proximidades. O processo de integração do cemitério no cotidiano e principalmente enquanto espaço de educação e cultura acontece diante de nossos olhos, num ritmo desacelerado, mas segue se desenvolvendo em diferentes lugares de memória.

## 6. REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **Entre a nação e a alma**: quando os mortos são comemorados. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, v.7, n.14, p.205-230, 1994

ALMEIDAS Indicam. **13 ALMAS DO EDIFÍCIO JOELMA** | Cemitério Vila Alpina - São Paulo. YouTube, 9 de julho de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=swLCT5Yz32U>>. Acesso em: 01 de out. de 2024.

AMARO, Leonardo. **Desespero, corpos no ar e 13 almas**: os 50 anos do incêndio no Joelma. Metrôpoles. São Paulo, SP. 1 de fev. de 2024. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/sao-paulo/desespero-corpos-no-ar-e-13-almas-os-50-anos-do-incendio-no-joelma>> Acesso em 30 de set de 2024.

ARIÉS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 1977

BRAHM, José Paulo Siefert; RIBEIRO, Diego Lemos; TAVARES, Davi Kiermes. **Cemitério e Museu**: Aproximações eletivas. Porto Alegre, RS, Editora Fi, 2019.

BT, Myriam. **Imagen de la tumba de Visitación Sibila en el Cementerio del Salvador**, de la provincia de Jujuy. Wikimedia Commons. 27 de julho de 2022. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:ALMITA\\_SIBILA.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:ALMITA_SIBILA.jpg)> Acesso em: 14 e out. de 2024.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Biblioteca Folha, São Paulo. 1972

CAMPBELL, Ulisses. **Moça do Táxi, lenda urbana que ganhou até devotos no Pará, tem imagem vandalizada em cemitério: 'Nos encara o tempo todo'**. O Globo. Belém, PA. 18 de nov. de 2024. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/true-crime/post/2024/10/moca-do-taxi-lenda-urbana-que-ganhou-ate-devotos-no-para-tem-imagem-vandalizada-em-cemiterio-nos-encara-o-tempo-todo.ghtml>>. Acesso em: 18 de out de 2024.

CARVALHO et al Anais do... / **Semana dos Museus da UFPel**; org. Andréa Lacerda Bachettini, Silvana de Fátima Bojanoski. Pelotas: Ed. da UFPel, v. 2. : il. - Realização da Rede de Museus da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.2018

CASTRO, Elisiana Trilha; GARCIA, Fabio. **Lá no cruzeiro divino, onde as almas vão rezar”: inventário das unidades tumulares de personalidades negras em Florianópolis**. Florianópolis, Editora Cruz e Sousa. 2021

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio**: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008). Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, PGAU-CIDADE da UFSC. Florianópolis. 2008

CATROGA, Fernando. **O culto dos mortos como uma poética da ausência**. ArtCultura, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 163-182, jan/jun. 2010

CHAGAS, Mário. 2002. **Memória e poder: Dois movimentos**. Cadernos de Sociomuseologia, v. 19, n. 19, 11.

COSTA, Thainá Castro. **Diversidade em museus: Processos colaborativos como metodologia de ação**. Aracaju, XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, nov. 2023

DISTEL, Alicia Ana Fernández. **Noticias sobre Visitacion Sivila**. Un alma milagrosa en Jujuy, Argentina. Buenos Aires, Revista de Arqueología Histórica Argentina y Latinoamericana, n.8, p. 71-83, 2014

DORNICKE, Luigi Brizzolara - **Mausoléu da Família Matarazzo**. Wikimedia Commons. 1 de set. de 2008. Disponível em:  
<[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Luigi\\_Brizzolara\\_-\\_Mausoléu\\_da\\_Família\\_Matarazzo\\_02.JPG#metadata](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Luigi_Brizzolara_-_Mausoléu_da_Família_Matarazzo_02.JPG#metadata)>. Acesso em 11 de nov. de 2024.

FERNANDES, Sílvia. **Christianity in Brazil: An Introduction from a Global Perspective**. Londres: Bloomsbury, 2022.

FUCHS, Felipe. **Espaços de cemitério e a cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 2019

GOUVEIA, Ana Paula Martins. **O filosofar budista: Breves reflexões sobre o fazer filosófico e as suas motivações**. Kriterion, Minas Gerais, v. 57, p. 189-205, jan./abr. 2016.

GRASSI, Clarissa. PodParaná #61: **A história de Maria Bueno, de anônima na sociedade curitibana à santa popular após ser assassinada**. G1 PR. Curitiba, PR. 21 de jan. de 2022. Disponível em:  
<<https://g1.globo.com/pr/parana/podcast/pod-parana/noticia/2022/01/21/podparana-61-a-historia-de-maria-bueno-de-anonima-na-sociedade-curitibana-a-santa-popular-apos-ser-assassinada.ghtml>> Acesso em: 30 de set. de 2024.

KASTVA, Janez iz. **Danse Macabre**. 1490. Óleo sobre tela, réplica por Vladimir Makuc.

LE GOFF, Jacques. **Memória e história**. São Paulo: Unicamp, 1990.

LØVSCHELL, Bo. **Tibetan sky burial, China**. Globe Spots. Disponível em:  
<<https://www.globespots.com/photo-gallery/skyburial/>>. Acesso em: 10/11/2024.

MAMING, Roller; LEE, Li; YANG, Xiaomin; BUZZARD, Paul. Vultures and sky burials on the Qinghai-Tibet Plateau. Vulture News, China, v. 71, p. 22-35, nov. 2016

- MEDEIROS, Flávia. **Matabilidade como forma de governo: violências, desigualdades e Estado numa perspectiva comparativa entre Florianópolis e Rio de Janeiro**. Porto Alegre: Rev. Horiz. antropol, ano 29, n. 65, jan./abr. 2023
- MELERO, Taís Cristina. **Morte, cemitérios e devoção: uma análise material do fenômeno dos santos populares em Bauru e Jaú (São Paulo – Brasil) a partir de imagens**. Morrinhos, Rev. Hist. UEG, v.10, n.2, p. 1-24, 2021
- NOGUEIRA, Renata de Souza. **Elos da memória: passado e presente, cemitério e sociedade**. Vivência Revista de Antropologia, n. 39, p. 81-89, 2012
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: PUC/SP, n.10, 1993.
- O SÉTIMO selo**. Direção: Ingmar Bergman. Produção: Allan Ekelund. Intérpretes: Gunnar Björnstrand, Bengt Ekerot et al. Roteiro: Ingmar Bergman. Suécia: AB Svensk Filmindustri, 1957 (96 min)
- PACHECO, Ricardo Aguiar. **Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história**. São Paulo, Revista Brasileira de História, v.30, n.60, p.143-154, 2010
- PADILHA, Renata Cardoso. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: FCC, Coleção Estudos Museológicos, v.2, 2014.
- POMPEU, Filipi. **Cronologia e Práticas funerárias dos sambaquis dos estados do Paraná e Santa Catarina (4951-2850 AP)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015.
- RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas, Unicamp, 2007
- ROCHA, João Paulo Vasques da; SILVA, Mariana dos Santos Minhava Marques da. **Os cemitérios como espaço de segregação socioespacial: O CASO DO SÃO JOÃO BATISTA (RJ)**. Juiz de Fora, Revista de Geografia, v. 11, n. 1, p. 137-152, 2021
- SANTOS, Conceição Aparecida dos. **Como nascem os santos: O caso Maria Bueno**. Dissertação (Mestre em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. 2010
- SANTOS, Luciana Oliveira dos. **O Medo Contemporâneo: Abordando suas Diferentes Dimensões**. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, v. 23, n. 2, p. 48-55, 2003
- SILVA, Bruno da. **Conheça o primeiro cemitério parque de Brusque: Espaço no bairro São Pedro tem 48 mil m²**. O Município. Brusque, SC. 17 de out. de 2024. Disponível em:

<<https://omunicipio.com.br/conheca-o-primeiro-cemiterio-parque-de-brusque/>> Acesso em 11 de nov. de 2024.

SILVA, Érica Quinaglia. **Ideário da morte no Ocidente: a bioética em uma perspectiva antropológica crítica**. Rev. Bioét. vol.27 no.1 Brasília Jan./Mar. 2019

SOARES, Hugo Ricardo. **Narrativas hagiográficas e devoção aos santos: notas sobre a (re)produção simbólica da santidade nos cemitérios**. Rio de Janeiro, Religião e Sociedade, v. 39, n. 1, p. 36-59, 2019

VALE, Ciro de Sousa; MACIEL, Tania Maria Freitas de Barros. **Áreas malditas: a estigmatização de espaços urbanos**. Rio de Janeiro, Caderno de Geografia, v.26, n.45, p. 255-257, 2016